EDIÇÃO DE COLECIONADOR

O MUNDO DE PLAYBOY

35 anos

Juju do Pânico

Flávia Alessandra
Priscila do BBB9
Juliana Alves
Fernanda Young
E outras gatas em fotos inéditas

46
PÁGINAS COM AS MULHERES MAIS GOSTOSAS DO MUNDO!

A PORNSTAR **SASHA GREY** SE VESTE DE LOLITA PARA VOCÊ

WILL SELF EXPLICA POR QUE **KATE MOSS** É IRRESISTÍVEL

ILHAS PHI-PHI UM PARAÍSO TROPICAL CHEIO DE SUECAS SEMINUAS

E AINDA
UM CONTO DE NELSON MOTTA
*
VIAJE ATÉ A LONDRES DOS ANOS 1960

Abril

05/2010 Nº 420-A R$15,00
7 893614 070032
VENDA PROIBIDA PARA MENORES DE 18 ANOS

Quer
+ gatas?
+ mob
maismob.com.br
PLAYBOY

Abril digital

Envie PLAYBOY para 80530

Receba wallpapers grátis das musas do nosso mundo, além de dicas diárias para se dar bem com as mulheres. São 3 mensagens diárias e 2 wallpapers grátis por semana!

Disponível nas operadoras Claro, TIM, Vivo, Oi e BrT. R$ 0,31 mais tributos por mensagem recebida

PRESENTE MAIS QUE PERFEITO

Os matemáticos da antiga Grécia consideravam o círculo uma forma geométrica perfeita, pois não tem começo nem fim. A introdução pretensiosa é só para dizer que neste Mundo de PLAYBOY nós resolvemos fazer uma edição circular. "Como assim, circular?", você dirá. "Esses malucos estão querendo reinventar a roda?" Não, já explico. Como este é o ano em que a PLAYBOY brasileira comemora seu aniversário de 35 anos, fizemos desta revista uma celebração. Misturamos reportagens e textos clássicos (leitores pretensiosos, leiam "vintage") a artigos e ensaios atuais, mas que têm também um sabor nostálgico. É por isso que a atriz pornô Sasha Grey vem vestida de Lolita no ensaio de Richard Kern. Ou que a revista abre com as obras de Shag, o badalado artista californiano que tem enorme influência dos ilustradores dos anos 1960, especialmente os da PLAYBOY. E a coisa prossegue no divertido texto de humor sobre a real identidade de J.D. Salinger e no primeiro conto de Nelson Motta publicado por nós, ambos resgatados de nossos arquivos. Já a saborosa reportagem sobre a *Swinging London* e a inauguração do primeiro Playboy Club da Europa combina perfeitamente com o perfil apaixonante de Kate Moss traçado pelo escritor inglês Will Self. Tudo isso e ainda as mulheres mais deliciosas do planeta. Bem-vindo ao Mundo de PLAYBOY.

EDSON ARAN
Diretor de Redação • **aran@abril.com.br**

Abril ESPECIAL O MUNDO DE PLAYBOY 420-A (7893614070032) é uma publicação da Editora Abril S.A. Edições anteriores: venda exclusiva em bancas pelo preço da última edição em banca. Solicite ao seu jornaleiro. Distribuída em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. PLAYBOY não admite publicidade redacional. © 2008 PLAYBOY as material published in JUNE 2008 © PLAYBOY, playmate, playmate of the month, playmate of the year, rabbit head design and femlin design are trademarks of and used under license from PLAYBOY Enterprises, Inc. PLAYBOY (USA). © 1978 Editora Abril S.A.

Diretor de Redação: Edson Aran • **Diretor de Arte:** Alexandre Ferreira • **Redator-Chefe:** Jeferson de Sousa • **Editor de Arte:** Rogério Maroja • **Atendimento ao Leitor:** Nathan Elias Fernandes • **Colaboradores:** Edgard Reymann (edição) • Ubirajara Correia (edição de arte) • Renato Guedes (ilustração) • CTI (tratamento de imagem) • Rosângela Ducati (revisão). IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A., Avenida Otaviano Alves de Lima, 4400, Freguesia do Ó, CEP 02909-900, São Paulo, SP

PLAYBOY e a cabeça do coelho são marcas registradas da PLAYBOY Enterprises International Inc. (USA). © 2008 Editora Abril S.A. Impresso na Divisão Gráfica da Editora Abril S.A.

O PLAYBOY DA ARTE 6
O traço inconfundível do californiano Shag, um ilustrador influenciado pelos artistas dos anos 1960 e fã de Oscar Niemeyer

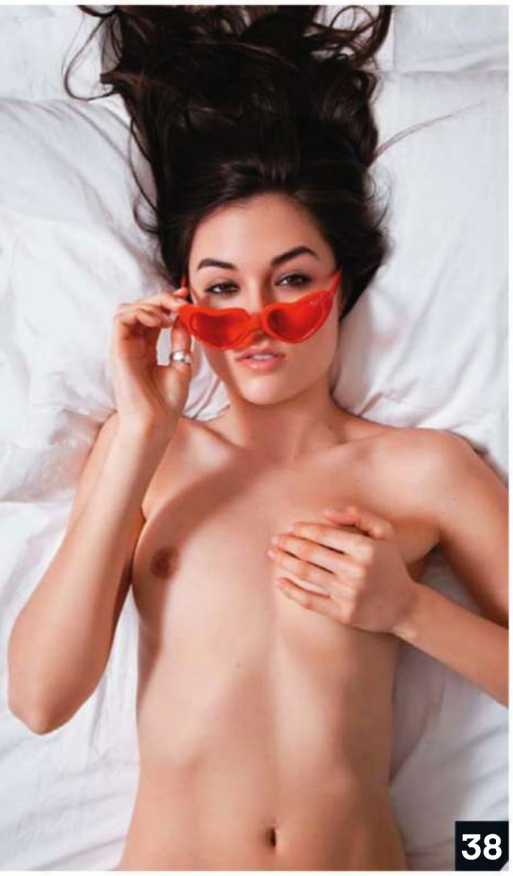
TROPA ESTELAR 12
Da Argentina à Eslováquia, uma espetacular seleção de gatas internacionais que só a PLAYBOY pode escalar pra você

J.D. SALINGER SOU EU! 28
O humorista H. Allen Smith prova por A + B que o verdadeiro autor de *O Apanhador no Campo de Centeio* é ele

SUÉCIA TROPICAL 32
Conheça as Ilhas Phi Phi, um paraíso na Tailândia que se tornou o melhor lugar do mundo para pegar suecas

SASHA GREY, A LOLITA (AINDA MAIS) DEVASSA 38
Ricard Kern e seu ensaio com a ninfeta do pornô homenageiam a obra-prima de Nabokov

SUMÁRIO



ESCANCARANDO O CINEMA PORNÔ 44
O olhar bem-humorado de Alden Erikson sobre o fascinante mundo dos filmes de sacanagem

SWINGING LONDON 48
Uma deliciosa reportagem publicada na PLAYBOY em 1966 sobre a capital inglesa quando ela era cidade mais cool do mundo

O EFEITO KATE MOSS 58
O escritor inglês Will Self explica por que a bad girl do mundo da moda continua a ser tão fascinante apesar de ir contra a corrente

A MULATA QUE PEGOU O SUPER-HOMEM 64
Resgatamos o primeiro conto de Nelson Motta, publicado há 34 anos em nossas páginas

ELAS SÃO NOSSAS! 67
Bárbara Borges, Flávia Alessandra, Juju do *Pânico,* Juliana Alves, Priscila... Chegou a hora de matar a saudade

CARTUM 98
Alden Erikson volta a atacar com seu humor apimentado. Desta vez mostrando o poder de sedução de uma fantasminha muito camarada

CAPA FOTO **AUTUMN SONNICHSEN** PRODUÇÃO EXECUTIVA **KIKA PAULON** TRATAMENTO DE IMAGEM **SÉRGIO PICCIARELLI** ESTILO **MARCIO VICENTINI** MAQUIAGEM E CABELO **ERICK SANTOS** (BLZ) ASSISTENTES DE PRODUÇÃO **FRIDA ABRAHÃO** E **KAREN NAKAMURA** ASSISTENTE DE FOTOGRAFIA **DAVI LIMA** JULIANA USA BIQUÍNI ACERVO DA PLAYBOY

O playboy da arte

O ILUSTRADOR CALIFORNIANO SHAG FICOU FAMOSO GRAÇAS AO TRAÇO RETRÔ E À FORTE INFLUÊNCIA DOS ARTISTAS DOS ANOS 1960 – ESPECIALMENTE OS DA PLAYBOY. EM VISITA AO BRASIL, ELE FALOU SOBRE ARTE, INFLUÊNCIAS E SUA ADMIRAÇÃO POR OSCAR NIEMEYER

POR **DUDA LEITE**

O nome artístico Shag é resultado da junção das duas últimas letras do primeiro nome com as duas primeiras do sobrenome de Josh Agle. Em inglês, *"shag"* é gíria antiga para transa, relação sexual sem compromisso. E foi utilizada por Austin Powers, personagem de Mike Myers, que fez sucesso no final dos anos 1990, quando o trabalho de Shag começou a ficar em evidência. Josh Agle nasceu na Califórnia em 1962. Seu trabalho remete diretamente à fase inicial da PLAYBOY americana (na virada dos anos 1950 para os 1960), que ele aprendeu a folhear desde cedo.

Seu estilo retrô ganhou destaque e conquistou fãs.

Usando o corpo feminino como matéria-prima, suas mulheres são invariavelmente lindas, longilíneas, magras e charmosas. Algumas vezes têm uma atitude elegantemente servil, oferecendo dry martínis aos homens num ambiente *hipster*, descolado, urbano e alternativo, com direito a esculturas exóticas e tocadores de bongô. Outras vezes são más, sexy e parecem sempre prontas para uma festinha com troca de casais. Qualquer relação com o mundo de Hugh Hefner (por sinal retratado na ilustração da página anterior) não é mera coincidência. Shag esteve em São Paulo em janeiro deste ano para o lançamento da exposição *Exquisite Hunger*, na galeria Choque Cultural. A PLAYBOY conversou com ele no prédio da Bienal, construído pelo arquiteto Oscar Niemeyer, de quem Shag é fã confesso.

PLAYBOY – Qual é a importância da PLAYBOY no desenvolvimento de sua arte?
SHAG – A PLAYBOY influenciou muito minhas pinturas: o conceito de garçonnière, com uma figura como Hugh Hefner, cercado de mulheres lindas, é muito atraente. É uma sensação que eu tento recriar com a minha arte. Além disso, fui muito influenciado por cartunistas que trabalharam para a PLAYBOY, como Jack Cole, Sokol, Dedini e Phil Interlandi, só para citar alguns entre os meus favoritos.

Que outras referências absorveu? No começo, eu me inspirava muito em livros antigos e revistas, mas, nos últimos anos, meus interesses se voltaram mais para dentro de mim mesmo: sonhos, situações do meu passado, pessoas que conheço e minha própria vida como artista.

Sua arte também foi muito influenciada pelo cinema. Qual é seu filme favorito? Adoro *Um Convidado Bem Trapalhão (The Party)*, de 1968, com Peter Sellers. É a melhor festa jamais filmada! Inclusive eu fiz uma pintura inspirada por ele. As minhas pinturas têm o mesmo formato de uma tela de cinema, e isso já dá um aspecto cinematográfico aos meus desenhos. Mas a TV também me influenciou muito.

FOTO: DIVULGAÇÃO

No início de sua carreira, você se interessou pelos *tikis* (esculturas de pedra ou madeira típicas da Polinésia) e acabou ficando conhecido por esses desenhos. Qual foi a razão dessa atração? Eu me interessei pelos tikis em 1982, quando tinha 20 anos e podia tomar drinks tropicais. Consegui construir minha carreira a partir dos tikis. Ainda adoro visitar antigos bares e restaurantes "tiki" em Los Angeles. Ali você encontra várias canecas com motivos tiki, e foi assim que comecei minha coleção. Hoje devo ter aproximadamente umas 300 delas em casa. O que eu gosto no estilo tiki de Los Angeles é que os artistas se apropriaram dessas imagens, que originalmente representavam deuses da Polinésia, e as tiraram totalmente de contexto e deram um novo significado, mais hedonista, ligado à diversão. Gosto disso! Sim, mas agora não pinto mais tikis. Achei que era hora de mudar. Simplesmente não queria me repetir.

As mulheres de Shag são lânguidas, ora servis, ora um tanto perversas e poderosas. O macho pode aparecer na forma de um touro emasculado (acima, à esquerda), um totem (acima) ou um voyeur (ao lado)

Agora que você não pinta mais tikis, qual é seu novo tema favorito? Definitivamente: lindas mulheres peladas! Outro dos meus maiores interesses!

Sei que sua casa na Califórnia é bem parecida com seus desenhos. Poderia descrevê-la? Sim, eu sempre quis que minha casa se parecesse o máximo possível com as minhas pinturas. Eu queria que tivesse uma piscina, uma linda vista e alguns dos objetos que normalmente você vê nos meus desenhos. Tenho até uma cachoeira. Praticamente eu vivo num dos meus desenhos.

Conquistou fãs e seguidores de sua arte? Sem dúvida! Tenho a sorte de ter influenciado muitos artistas jovens. É legal receber essa homenagem, desde que não se tornem parecidas demais. Alguns artistas fazem coisas muito semelhantes às minhas, e aí não é legal...

E o que acha de ela ser tachada de "retrô"? Eu nunca quis que alguém que olhasse uma pintura minha pensasse que tivesse sido feita nos anos 1950 ou 60. Gostaria de acreditar que as cenas que

eu pinto poderiam ter sido feitas talvez no passado, talvez no presente ou no futuro. Por isso às vezes uso elementos como telefones celulares ou carros modernos. Não quero definir a época em que as cenas se passam. Tento deixá-las atemporais.

Você é fã da arquitetura de Oscar Niemeyer? Acha que ela pode influenciar seus próximos trabalhos? Claro! Este prédio da Bienal, por exemplo, tem formas incríveis, que sem dúvida surgirão de alguma maneira nos meus desenhos. Todas as viagens que faço acabam me influenciando de alguma maneira.

Qual é sua definição de paraíso? Minha ideia de paraíso é me aposentar e ir viver no Havaí, surfar todos os dias e, em vez de pintar sete dias por semana, pintar apenas dois.

Shag joga com o exótico, o antigo e o moderno. Os tikis (esculturas polinésias) e as cadeiras de design anos 1950 convivem com celulares e iPods

TROPA ESTELAR

Da Argentina à Ucrânia, com escalas pela Holanda, pela Alemanha e pelo Leste Europeu, uma constelação das mais belas mulheres do mundo

ARGENTINA

CONNIE MENGOTTI

LUIS SENS

HOLANDA
IRIS BAKKER
TOONEN & WIENTJENS

CROÁCIA

JOSIFA MARUSIC

BORIS STAJDUHAR

ALEMANHA
LISA TOMASCHEWSKY
FLORIAN LOHAMANN

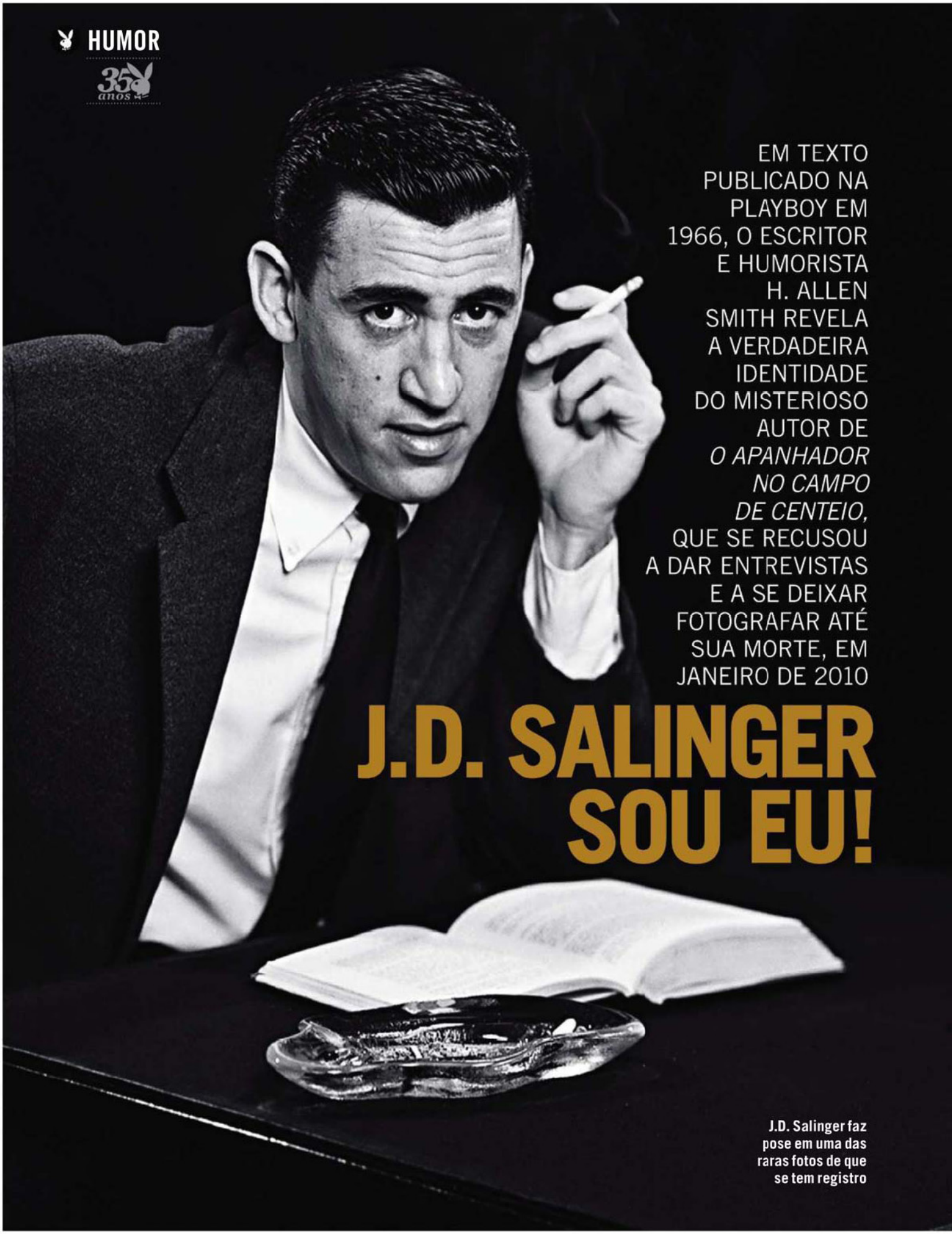
UCRÂNIA
OLGA SAVINSKAYA
ALEXANDER MORDERER

ESLOVÁQUIA
STANISLOVA KAPACKOV
L'UBOMIR SPIRKO

ESLOVÊNIA

SANJA GROHAR

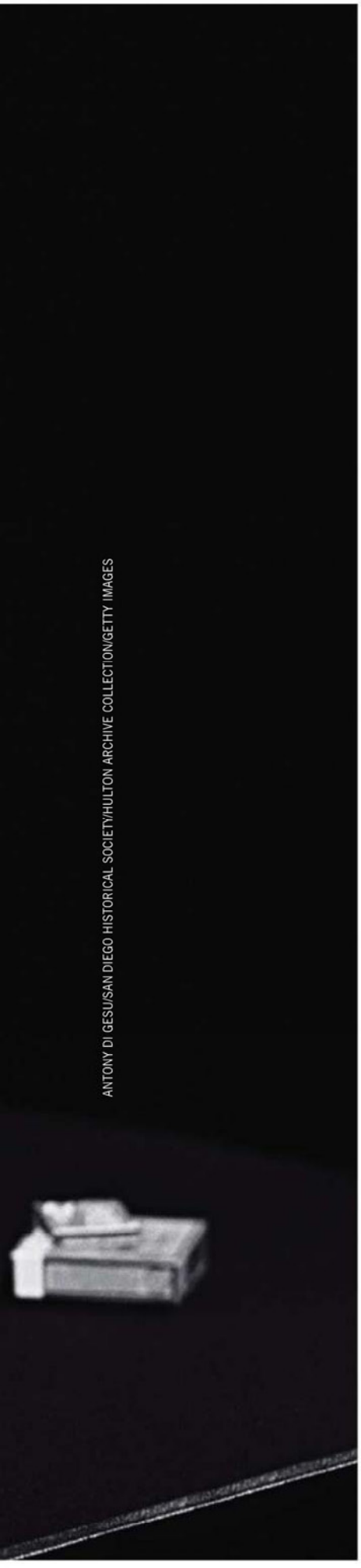
ALES BRAVNICARS



EM TEXTO PUBLICADO NA PLAYBOY EM 1966, O ESCRITOR E HUMORISTA H. ALLEN SMITH REVELA A VERDADEIRA IDENTIDADE DO MISTERIOSO AUTOR DE *O APANHADOR NO CAMPO DE CENTEIO*, QUE SE RECUSOU A DAR ENTREVISTAS E A SE DEIXAR FOTOGRAFAR ATÉ SUA MORTE, EM JANEIRO DE 2010

J.D. SALINGER SOU EU!

J.D. Salinger faz pose em uma das raras fotos de que se tem registro



ANTONY DI GESU/SAN DIEGO HISTORICAL SOCIETY/HULTON ARCHIVE COLLECTION/GETTY IMAGES

Um homem chamado Visco, morador de Montclair, em Nova Jersey, escreveu-me uma carta avisando que foi recentemente a uma livraria em Nova York e comprou um volume intitulado *Como Escrever Sem Saber Nada de Nada*. O livro trazia meu nome como autor. Quando o senhor Visco chegou à sua casa, em Montclair, abriu o pacote, olhou o livro e descobriu que o conteúdo não correspondia à descrição na orelha e na capa dura. De fato, a parte de dentro do livro não tinha nada a ver com a arte da escrita, mas era algo intitulado *Franny e Zooey,* e o autor era identificado no frontispício como "J.D. Salinger". O senhor Visco diz ter ficado confuso. Não foi surpresa para mim. Outros exemplares daquele livro chegaram às lojas – livros descritos do lado de fora como obras de H. Allen Smith e que traziam em seu interior obras desse tal J.D. Salinger. Já aconteceu comigo antes, quando meu editor me enviou um exemplar de outro livro meu, *O Porco na Barbearia* – ao abri-lo, descobri que ele continha um romance chamado *O Bom Pastor,* de autoria de C.S. Forester. Estou em um ramo povoado por idiotas. Eu poderia explicar a última confusão ao senhor Visco, e a qualquer pessoa que comprasse um exemplar desse livro conjunto de Smith-Salinger, começando por dizer que tanto *Como Escrever Sem Saber Nada de Nada* quanto *Franny e Zooey* foram publicados pela mesma editora. O mesmo ocorreu com *O Porco na Barbearia* e *O Bom Pastor.* A explicação de como algo nesses moldes poderia acontecer é bem simples. No setor de encadernação, digamos, havia grandes pilhas de páginas não encadernadas do meu livro e, ao lado delas, pilhas muito maiores do livro de Salinger. Um funcionário aparece, seu cotovelo roça a pilha de Salinger, e algumas dúzias de páginas não encadernadas caem no chão. O funcionário recolhe apressadamente todas aquelas páginas e as coloca na pilha mais

próxima, que é a de Smith. Os conjuntos de páginas acabam, alguns dias depois, lindamente encadernados em capa dura, encimados pelo título *Como Escrever Sem Saber Nada de Nada*. Eu poderia explicar o ocorrido dessa forma, mas acho que não vou fazer isso. Soa muito como o colapso da automação. Seja como for, chegou o momento em que não posso mais fingir, em que não consigo mais me segurar diante de toda a conversa sobre Salinger. Tenho de dizer a verdade. Preparem-se. Eu sou J.D. Salinger.

Também sou Thomas Pynchon, autor do sensacional romance de estreia *V.* Isso mesmo, *V.* Esse é o título. Quase ninguém viu Thomas Pynchon até hoje; logo, foi bem fácil levar adiante o engodo. Seu editor na editora Lippincott nunca pôs os olhos nele; o assessor de imprensa da Lippincott nunca o viu; várias outras pessoas que tiveram negócios a distância com ele não o reconheceriam se o encontrassem na rua. Sua própria mãe já o viu algumas vezes, mas não ultimamente, e, quando indagada sobre ele, só parece disposta a dizer que Thomas Pynchon tem 1,90 metro. Uma espécie de advertência, eu acho. É tudo uma grande farsa, e ela não é realmente a mãe dele, porque não é a minha mãe; não tenho nem perto de 1,90 metro, mas, quando necessário, sou capaz de me colocar à altura dos acontecimentos. E, se algum dos sabichões metidos a conhecedores de literatura que estão me lendo neste momento duvidar da minha palavra nesse assunto, por favor, preste atenção ao fato de que ele, Pynchon, parece ter seu principal esconderijo no México. Verifiquem meus movimentos, por gentileza – os movimentos de H. Allen Smith. Eu escapo para o México sempre que tenho oportunidade. Por quê? Tenho de pagar contas de Pynchon, cuidar da correspondência de Pynchon que se acumula semana após semana em Guadalajara. A correspondência, a propósito, consiste principalmente de cartas perguntando: "Hei, Pynchon, afinal, quem é você?". Ou, numa variação: "Escuta, Pynchon, quem diabos você pensa que é?". Quanto ao meu romance, *V.*, eu o escrevi nas coxas e não consigo me lembrar do que ele trata, só que tem um monte de crocodilos.

COMECEI A ESCREVER COMO J.D. SALINGER EM 1940. ESTAVA SÓ PRATICANDO

Já que comecei com isso, posso ir até o fim. Também sou Xavier Rynne. Sou o sujeito que escreveu aqueles maravilhosos relatos "secretos" sobre o Concílio Vaticano II. No mundo dos livros, houve uma grande e febril especulação sobre a verdadeira identidade de Xavier Rynne por causa de seus livros *Cartas do Vaticano* e *A Segunda Sessão*. Eis a história por trás da história. Eu estava no México, envolvido com ideias para aprofundar o mistério de Thomas Pynchon, fiquei com saudade de casa e, no meio da noite, pedi a conta no meu hotel e entrei correndo num jato. Avião errado. Acabei em Roma, aquele Concílio Vaticano II estava em sessão, e fui parar dentro dele enquanto procurava pela Praça de Espanha. Fiquei pensando no que poderia fazer para custear as despesas e, assim, dei um jeito de escrever aqueles dois livros sobre o que eu havia visto e ouvido. Imaginem só a minha surpresa com o barulho que eles causaram. Na verdade, essa história de ser Xavier Rynne não é muito importante para mim, e eu acho que vou desistir dela. Tenho mais o que fazer. A xaropada com Salinger trouxe um monte de dinheiro e tem sido um jogo muito interessante, meio rocambolesco em muitos de seus aspectos.

Comecei a escrever como J.D. Salinger por volta de 1940. Estava só praticando. Eu havia conhecido um produtor de cinema de Hollywood chamado George Glass e comecei a bolar aquelas bobagens sobre uma família chamada Glass. Tudo o que eu estava fazendo era procurar por um método que – não tenho problemas em confessar – jamais encontrei. Aqueles scripts mal ajambrados foram colocados no correio por engano e, antes que eu me desse conta, as histórias começaram a aparecer em uma das revistas de *arrière-garde*. Não dei as caras. Cheguei até a esconder a verdade dos meus filhos.

Depois disso fiquei na minha, produzi três ou quatro livros penetrantes e eruditos sob o nome de H. Allen Smith e, só por distração, ao longo de duas semanas escaldantes no verão de 1950, escrevi um pequeno romance chamado *O Apanhador no Campo de Centeio*. Tem alguns palavrões nele, e por isso resolvi publicá-lo com aquele nome, Salinger. Um editor deu uma de doidão e o publicou, e alguns moleques malucos nas universidades piraram com o livro enquanto deveriam estar engolindo peixinhos, roubando calcinhas e brincando de voar para a Lua em máquinas de secar roupa. Aquele livro maldito vendeu como água, e eu, sob a identidade secreta de Salinger, tornei-me uma espécie de ídolo do público, um grande herói literário para uma geração de garotos idiotas. Mas quero que fique bem claro que não tive nada a ver com aqueles penteados horríveis.

O dinheiro era bacana e, por isso, fiquei de bico calado. Depois de algum tempo, os enxeridos das revistas semanais começaram a fechar o cerco sobre mim. Rumores começaram a circular. Eu tinha de pensar em minha reputação e fiquei nervoso. Minha posi-

ção na comunidade era tal que eu simplesmente não podia permitir que as pessoas saíssem dizendo por aí que eu era "aquele Salinger". Assim, acabei contratando um jovem chamado Jackson Daedalus Snug para me imitar no papel de J.D. Salinger. Fui até New Hampshire, fiz algumas compras e, finalmente, adquiri uma casinha antiga e simples com bomba e cisterna próprias e um sótão cheio de rocas de fiar, tudo rodeado por uma bela cerca. Jackson Daedalus Snug se mudou para lá, colocou suas iniciais na caixa de correio e viveu tranquilamente na casa por algum tempo.

Então, seguindo as minhas instruções, ele começou a sair, percorrendo a região com um jipe que eu havia arrumado, empinando o nariz ao vento e, às vezes, fulminando os caipiras com o olhar. Para quando tivesse de ir à cidade para comprar doces e borrachas, eu lhe ensinei a dar meia-volta e fugir sempre que algum estranho viesse até ele. Em pouco tempo, começou a correr o boato de que havia algum tipo de doidão à solta na comunidade, e Snug me escreveu dizendo estar com medo de que os munícipes o agarrassem e o cobrissem de piche e penas. Assim, eu lhe mandei uma atiradeira feita em casa e lhe disse para abrir fogo impiedosamente sobre qualquer bobalhão local que tentasse molestá-lo. Ele ainda usa a atiradeira, mas principalmente para acertar os universitários que vêm até à cerca e, entre uma garrafa de cerveja e outra, gritam para a casa: "Sai aí, J.D. A gente sabe quem você é e que está aí dentro. Sai aí. Aqui quem está falando é o velho Holden".

Foi muito divertido, mas acho que chegou a hora de deixar toda essa maluquice de lado para me dedicar às empreitadas filosóficas que parecem ser meu destino na vida. Vai haver críticos, é claro, que irão me chamar de mentiroso e dizer que eu, Smith, nunca tive capacidade de escrever tão bem quanto o bom e velho J.D. Dirão que o Jackson Daedalus Snug em New Hampshire é que é o verdadeiro Jerome David Salinger e que eu deveria me envergonhar de mim mesmo por pretender ser ele. Estou me lixando para essas pessoas, e por mim podem ir todas se lascar. Aos que possam manifestar tais dúvidas, chamo a atenção para certas pistas nos escritos de Salinger, que também aparecem nos escritos de H. Allen Smith. Por exemplo, considerem o estilo usado no inventário feito por Bessie Glass de todos os itens contidos no armário de remédios, e o do inventário feito por H. Allen Smith de todos os itens contidos na malinha preta usada pelos médicos. Essas duas passagens só poderiam ter sido escritas pela mesma pessoa.

TORNEI-ME UMA ESPÉCIE DE HERÓI LITERÁRIO PARA UMA GERAÇÃO DE GAROTOS IDIOTAS

Para mim, a consequência mais divertida de meu pequeno engodo foi a verdadeira procissão de dissertações acadêmicas nas quais a obra de Salinger é dissecada, analisada e elogiada além de qualquer razoabilidade. Os professores e os críticos dizem que trato de simbolismo e de conceitos abstratos que são tão estranhos à minha mente quanto a trigonometria avançada. Foi especialmente revelador, por exemplo, descobrir tantos medalhões dizendo que a minha Franny, quando tinha todos aqueles faniquitos e cólicas, estava na realidade tomada de uma agitação mística. É óbvio que estava. Ela estava grávida.

Está na hora, portanto, de dizer adeus à minha estranha carreira como Salinger, assim como às minhas breves aventuras como Thomas Pynchon e Xavier Rynne. Todas as minhas obras sérias, clássicas, estão publicadas obviamente sob o nome de H. Allen Smith. Não vou sofrer consequências financeiras por causa das revelações acima; de fato, elas chamarão atenção para o meu mais verdadeiro e mais profundo ser. Ou talvez não. A verdade é que não sou H. Allen Smith. Sou o filho natural de B. Traven, o "homem misterioso das letras americanas", autor de *O Tesouro de Sierra Madre*. Papai nunca gostou de gente. Ele vem se escondendo nos fundos de um restaurante de beira de estrada que vende tacos, próximo a Acapulco, há anos. Da última vez em que estive por aquelas bandas, no papel de Thomas Pynchon, tentei encontrá-lo. Ele grunhiu para mim através da cortina de miçangas e disse que não era B. Traven – era Ambrose Bierce.

E querem saber do que mais? Eu acredito nele.

H. ALLEN SMITH (1906-1976) foi jornalista, escritor e humorista de grande sucesso nas décadas de 1940 e 1950. Escreveu mais de 30 livros, entre eles *Rhubarb* (1946), sobre um gato que herda um time de beisebol, obra que foi adaptada para o cinema em 1951.

ILUSTRAÇÃO: EDUARDO BELGA

Turistas suecas caminham alegremente nas águas de Maya Bay, famosa por ter servido de cenário para o filme *A Praia*

FOTO: INGOLF POMPER/LATIN STOCK

Suécia tropical

Na costa oeste da Tailândia, o Arquipélago de Phi Phi é o destino certo para quem quer sol, mar de águas cristalinas e curtir uma balada ao lado das suecas, que embelezam ainda mais o cenário cinematográfico

POR **ADRIANA SETTI**

No Arquipélago de Phi Phi, o clichê tailandês dos três S – sol, sexo e seda – vem sofrendo uma mutação que o deixa ainda mais tentador. O S da seda está perdendo o posto para o S das suecas. Belisquese. Nas areias brancas da ilha que vestiria sem nenhum complexo a faixa de mais bonita do mundo, a morenice amendoada das delicadas locais disputa a preferência com uma multidão de loiras espetaculares vindas da gélida Escandinávia em busca do bronzeado perdido.

Localizada no sul da costa oeste da Tailândia, equidistante dos balneários turísticos de Phuket e Krabi, Phi Phi fica na região onde se concentra grande parte dos 5% da população muçulmana do país, predominantemente budista. Mas nem o chamado para a oração de algumas mesquitas em versões tropicalizadas nem o fato de certos lugares não venderem álcool são suficientes para convencer as doces loirinhas de que o topless não é exatamente bem-visto por ali. Desafiando Alá e seus fiéis, as europeias combatem com determinação a marquinha de seus biquínis e desfilam seminuas pelas praias como se estivessem em Ibiza.

O boca a boca deve ter rolado forte em Malmö e Estocolmo na última década. De acordo com estatísticas de botequim, pelo menos a metade dos pezinhos que pisam Phi Phi na alta temporada, de dezembro a março, provém da Suécia, país pródigo em produzir mulheres perfeitas em escala industrial. Bandeiras azuis com a cruz amarela se espalham por toda a vila, e a quantidade de garotas vikings de sobrancelhas semitransparentes atendendo nos estabelecimentos confere um quê de surrealismo ao lugar, em pleno Sudeste Asiático.

O mergulho (à esquerda) é um dos esportes mais praticados em Phi Phi. Ao lado, um grupo de animados turistas curtem a noite; abaixo, a "civilizada" Praia de Koh Phi Phi Don

FOTOS: JACOB HALASK/LATIN STOCK; INGOLF POMPER/LATIN STOCK

É em Phi Phi que fica aquela praia linda de doer, Maya Bay, do filme *A Praia* (*The Beach*, 2000), e, segundo os locais, essa produção de Hollywood foi a responsável-mor pela invasão de turistas. O arquipélago tem duas ilhas principais. E apenas uma delas, Koh Phi Phi Don, é "civilizada". É lá que estão todos os hotéis, restaurantes, bares e lojas, concentrados entre a Praia de Ton Sai, onde fica o pequeno píer, e a de Loh Dalam. Apenas essas duas são acessíveis a pé. Para chegar às demais, inclusive à lindíssima Hat Yao, que tem as mais gostosas pousadinhas pé-na-areia, é preciso lançar mão de um barco (por 3 dólares). Ao passar pelo píer, você fatalmente será abordado por rapazes dizendo *"Bôt, bôt, bôt"*. *Bôt*, no rudimentar inglês tailandês, quer dizer *boat* (barco).

Phi Phi Don é geograficamente privilegiada. Tem a forma de uma maçã mordida dos dois lados, com duas baías fechadas, uma de costas para a outra. Como se não bastasse, essas duas lagoas de águas cristalinas e rasas são cercadas por penhascos de pedra calcária altíssimos (perfeitos para quem faz escalada), formando um visual capaz de arrancar lágrimas das almas mais insensíveis. Na pequenina Koh Phi Phi Don o fenômeno se repete, mas as baías (incluindo Maya Bay) são ainda mais fechadas. E por pouco não formam piscinas impenetráveis no meio do Oceano Índico.

A fama fez com que Phi Phi se tornasse o lugar mais caro da Tailândia. Isso significa que, em vez de custar 30 dólares, uma pousadinha bem bacana para o casal sairá por cerca de 60. Continua sendo barato se compararmos ao Brasil ou ao Caribe, mas é um peso num orçamento calculado com base nos preços no resto do país e acaba pegando muita gente de surpresa. Para quem não teme a fatura do car-

Lana Bay (ao lado) é uma das praias selvagens da região; na página oposta, turista aproveita o sol em Loh Dalam

tão, porém, há resorts cinematográficos escondidos em praias desertas.

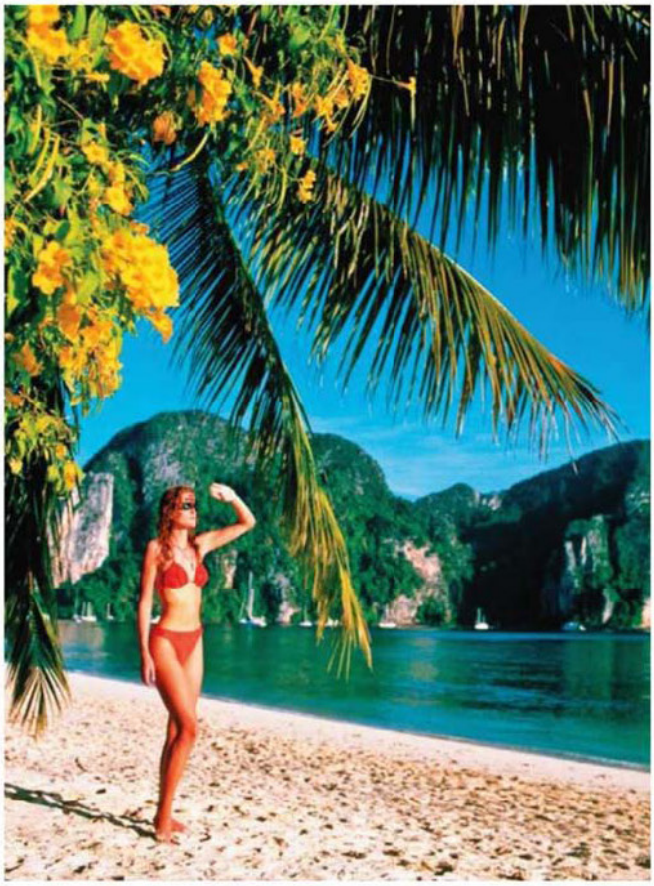
O dia começa a esquentar preguiçosamente depois das 11, quando os primeiros corajosos aparecem para curar a ressaca em Loh Dalam, a praia mais muvucada da região, onde desembarcam centenas de turistas, mas basta andar um pouco para a direita de quem olha para o mar que a proporção de mulheres bonitas cresce gradativamente. No fim da tarde, uma massagem relaxante num dos spas de frente para o mar em Long Beach ou o pôr do sol no topo do mirante conhecido como View Point, cercado de cajueiros, são as maneiras mais apoteóticas de terminar o dia.

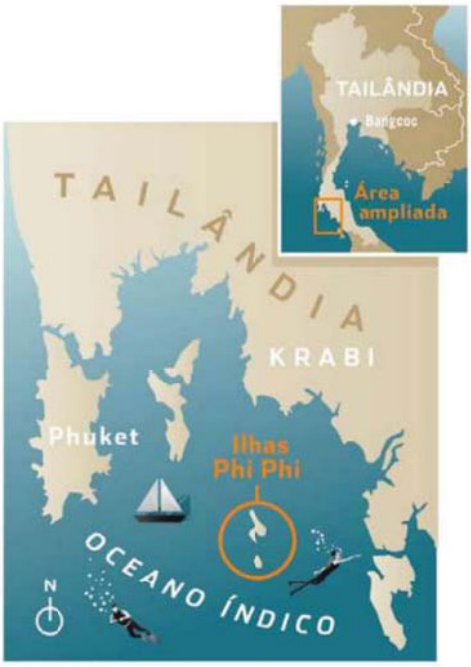
A beleza de Phi Phi é facilmente explorável. Um simples barco de pescador de cauda longa, um ícone nacional, é a maneira mais tranquila e autêntica de fazer um passeio. O giro passa pela deserta Bamboo Island, um paraíso com água azul-calcinha e areia branca de ofuscar a retina. Também faz um pit-stop em Monkey Beach, onde, como o nome sugere, macacos saltitam e brincam com os turistas. O gran-finale acontece em Maya Bay, a tal da Praia, com P maiúsculo. O lugar recebe a cada dia uma pequena multidão, e a melhor maneira de aproveitá-lo vazio é embarcar nos passeios noturnos com acampamento na praia, luau incluído, para ver o dia nascer. Dá para fazer isso com 40 dólares.

Por mais atributos naturais que haja por ali, muita gente que vai a Phi Phi mal vê a luz do sol e vai embora sem uma nesga sequer de arrependimento. É que a mistura explosiva de gente bonita e solta, bebida barata e distância de casa faz com que a ilha tenha uma das noites mais avassaladoras de um país que já é famoso pelo teor de sua gandaia. O emaranhado de ruas do centro fica congestionado a partir das 10 da noite. E, entre cervejas Singha e baldes (com alcinha e tudo) de vodca com energético, a coisa vai longe. Um detalhe: o energético vendido no local não é o das latinhas que conhecemos, mas sim a demoníaca versão original, que vem em vidrinho de remédio, não tem gás e foi banida da maioria dos países ocidentais por motivos que preferimos ignorar.

Na *night* de Phi Phi não é preciso mexer com a mulher alheia, tantas são as opções. O Reggae Bar (25 Ton Sai Road), onde tudo acontece, é um complexo com bares, pista de dança, lounge e... um ringue de boxe tailandês de verdade em que valentões (e valentonas) podem trocar bofetadas à vontade. O ponto alto da noite são inevitavelmente os combates femininos. Na primeira luta que tive o prazer de presenciar, uma sueca com pinta de bonequinha mandou para a lona uma indiana que, talvez para tomar coragem, acabou tomando umas dez doses a mais do que deveria. Mais tarde, uma loira inglesa esmurrou uma gordinha que, pelo menos até soar o gongo, era sua amiga. Além de deixar fluir seu lado Mike Tyson, ela também brindou o público com seus peitinhos, que, vez ou outra, escapuliam da blusa mal ajambrada, levando a malta ao delírio. No dia seguinte, por coincidência, compartilhamos com elas o mesmo banco no barco em direção a Krabi. "Oh! Você também me viu lutar? Não sei como pude ser tão cruel", confessou enquanto sucumbia à ressaca moral. Depois de passar dez dias na ilha trocando o dia pela noite, ela ainda não tinha ido a Maya Bay nem a Hat Yao. Mas jurava que, desse detalhe, não se arrependia nem um pouco.

FOTOS: MARCO POMÁRICO, JACOB HALASK/LATIN STOCK; MAPA: CASSIO BITENCOURT





MAPA DO TESOURO

MARCAS DO PASSADO O tsunami de 26 de dezembro de 2004 foi particularmente cruel com Phi Phi. Mas quatro anos depois, graças em grande parte à ajuda financeira e braçal de estrangeiros, a ilha está praticamente recuperada e o turismo voltou com força. Existe a possibilidade de um novo tsunami? Sim, sempre. Mas hoje em dia as rotas de evacuação estão ostensivamente sinalizadas, um sistema de alerta foi instalado e a população está sempre atenta.

COMO CHEGAR Pela Lufthansa (11/3048-5800, www.lufthansa.com.br), com escala em Frankfurt, os preços começam em 2 638 dólares. Parando em Amsterdã, a passagem da KLM (11/4003-1888, www.klm.com) custa a partir de 2759 dólares, e o voo da Air France (11/4003-9955, www.airfrance.com.br), por Paris, tem tarifas a partir de 2 662 dólares. Outro caminho é pingar em Johannesburgo e Hong Kong e então seguir para Bangcoc pela South African Airways (11/3065-5115, www.flysaa.com), a partir de 2 778 dólares. Uma vez em solo tailandês, a maneira mais fácil de chegar a Phi Phi é voar até Phuket ou Krabi e, de lá, pegar um barco (a partir de 10 dólares). Antes de fechar o voo para Phuket ou Krabi com uma operadora, consulte as tarifas das companhias aéreas de baixo custo que pipocaram nos últimos anos, como a ótima Air Asia (www.airasia.com) e a Nok Air (www.nokair.com). A Thai Airways International (www.thaiairways.com), a maior companhia aérea do país, vende um passe que permite voar entre três cidades por 199 dólares, ideal para quem for esticar em outras bandas. Outra companhia de grande porte é a Bangkok Airways (www.bangkokair.com), autoproclamada "aerolinha-butique", que tem sala de espera vip com comida, bebida e wi-fi, entre outros mimos.

PAPELADA Brasileiros não precisam de visto para permanecer no país por até três meses. Basta ter em mãos passaporte com validade mínima de seis meses e certificado internacional de vacinação contra a febre amarela. A vacina (válida por dez anos) e o certificado podem ser obtidos nas agências da Anvisa (0800-611997, anvisa.gov.br).

CLIMA Chove canivete na Tailândia de junho a outubro, época das monções. O resto do ano (a melhor época para visitar Phi Phi) é dividido entre meses mais frescos – de novembro a fevereiro – e mais quentes – de março a maio. A primeira opção é melhor para quem mergulha por causa da boa visibilidade.

DINHEIRO A moeda oficial é o baht (1 real vale cerca de 18 bahts, em cotação de maio de 2010). Troque dinheiro em Bangcoc, já que Phi Phi tem provavelmente as piores cotações do país. Cartões de crédito são aceitos em muitos hotéis e em alguns restaurantes. Mas é bom ter dinheiro em espécie sempre à mão, principalmente se você for se hospedar em *guest houses* (pousadas) e comer na rua.

Quando estreou no cinema pornô, a atriz Sasha Grey foi imediatamente comparada a Lolita, a lasciva adolescente do romance de Vladimir Nabokov. Suas performances selvagens, no entanto, a levam muito além do universo literário

FOTOS **RICHARD KERN**

TEXTO **EDGARD REYMANN**

SASHA GREY

A LOLITA *(ainda mais)* DEVASSA

O fato de Sasha Grey ter surgido 50 anos depois do fenômeno *Lolita* chega a surpreender. É que, após todo esse tempo, percebe-se que ainda havia tabus a ser quebrados numa área em que tudo parecia já ter sido dito – e feito. É óbvio que, sem o escandaloso romance de Vladimir Nabokov, Sasha jamais existiria como uma "Lolita" de carne, osso e personalidade, comparação estabelecida assim que entrou para a indústria pornográfica, em 2006, aos 18 anos. Assim como jamais existiriam as "ninfetas", termo criado pelo autor para definir sua personagem, uma adolescente sedutora e espertinha.

Pode-se dizer que *Lolita*, o livro, também é o reflexo de uma época cujos desdobramentos deram em Sasha Grey. No início dos anos 1950, a vida sexual do americano estava abalada pelo Relatório Kinsey, J.D. Salinger dava voz ao adolescente em *O Apanhador nos Campo de Centeio*, em 1951, a PLAYBOY surgia, em 1953. *Lolita*, terminado no mesmo ano, teve de esperar mais dois para ser publicado, na França. E mais três ainda para se transformar num dos maiores e mais rentáveis sucessos literários dos Estados Unidos.

O livro narra a aventura de Humbert Humbert, inglês quarentão, com a filha de Charlotte Haze, dona da pensão onde se hospeda. Dolores Haze, Lolita, com apenas 12 anos, tem a libido à flor da pele. Para ficar perto da menina, Humbert se casa com a mãe. Esta morre atropelada, e os dois se aproximam. A relação padrasto-enteada é transgredida de forma consensual. Comparada ao ingênuo Holden Caufield, de J.D. Salinger, Dolores Haze é um furacão de sensualidade adolescente.

Quando, em 1962, o diretor Stanley Kubrick decidiu filmar o romance, ele sabia que jamais poderia transpor para a tela a ligação sexual entre Humbert (James Mason) e Dolores (Sue Lyon) sem enfrentar problemas com as autoridades. Na época, os leitores de Nabokov se sentiram traídos. Mas, visto hoje, o filme é tão repleto de simbolismos que é impossível não perceber a volatilidade da obra em cada cena, a começar pela abertura hiperfetichista – Humbert pinta com esmalte os pés da menina-moça. Lolita apenas deseja ter uma vida sexual plena, ainda que convencional – no final ela diz que se recusou a participar de "filmes de arte" produzidos por Clare Quilty (Peter Sellers) e seus "amigos bizarros". O que não foi mostrado já era mais do que sabido.

Sasha Grey, nome artístico da californiana Marina Ann Hantzis, foi cuidadosa como Kubrick. Esperou a maioridade para evitar problemas com a lei e encantou os fãs com seu rostinho de menina e um corpo delicado intocado pelos bisturis. A surpresa, porém, não está em seu feitio de ninfeta nem no sexo selvagem que pratica, mas numa atitude que chega a refletir Lolita e vai além. Se esta rompe com uma sociedade conservadora para se tornar a *girl next door* sexualmente liberada, Sasha é a garota que subverte os padrões por abraçar, tão jovem e por pura opção, os "amigos bizarros" da pornografia.

> Escritora, atriz e fotógrafa, Sasha Grey subverteu os padrões ao abraçar, tão jovem e por opção, a indústria pornográfica, com um corpo de ninfeta intocado pelos bisturis

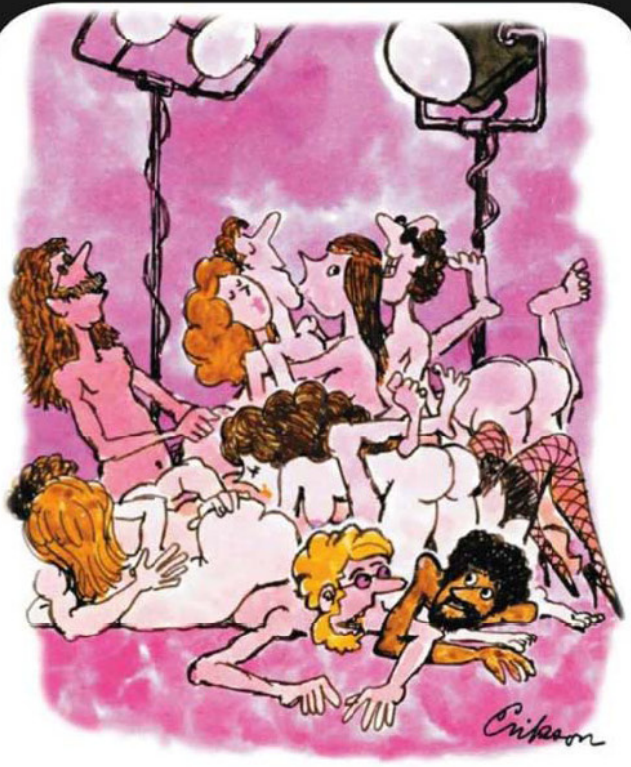
Sasha é atriz, escritora, fotógrafa e não fez feio em sua estreia no cinema, como estrela do filme *Confissões de uma Garota de Programa (The Girlfriend Experience,* 2009), do diretor, digamos, um tanto bizarro para o mainstream Steve Soderbergh. Assim como muitas garotas se espelharam em Lolita para despertar seu poder de sedução, muitas hoje se espelham em Sasha Grey e outras atrizes pornôs de personalidade mais marcante para fazer o que quiserem de sua vida sexual, inclusive filmes de sexo explícito que reflitam o que elas são.

O livro de Vladimir Nabokov narra a atração de um professor de meia-idade por uma menina de 12 anos. Sasha, como Lolita, despedaçaria o coração de qualquer Humbert Humbert

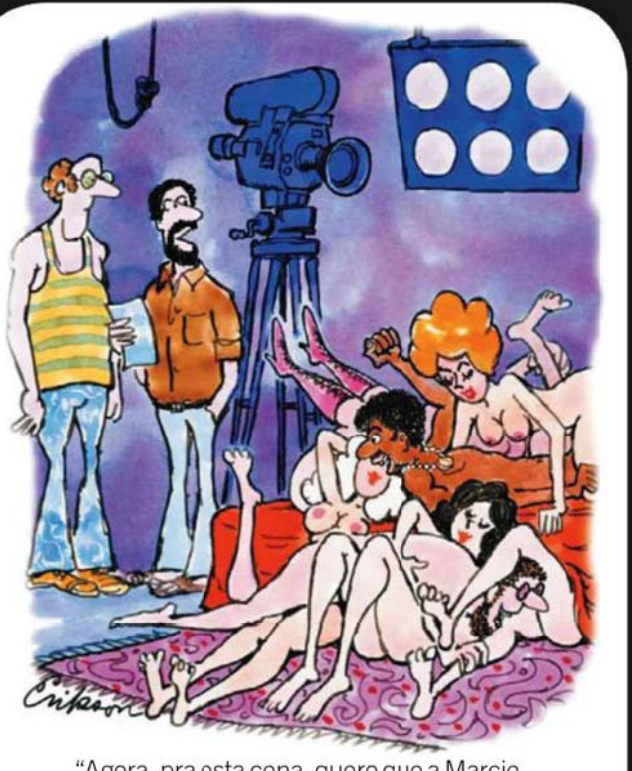
Em Sasha Grey, a surpresa não está em seu corpo de ninfeta nem no sexo selvagem que pratica, mas numa atitude que reflete a Lolita do livro e vai além

ESCANCARANDO O CINEMA PORNÔ

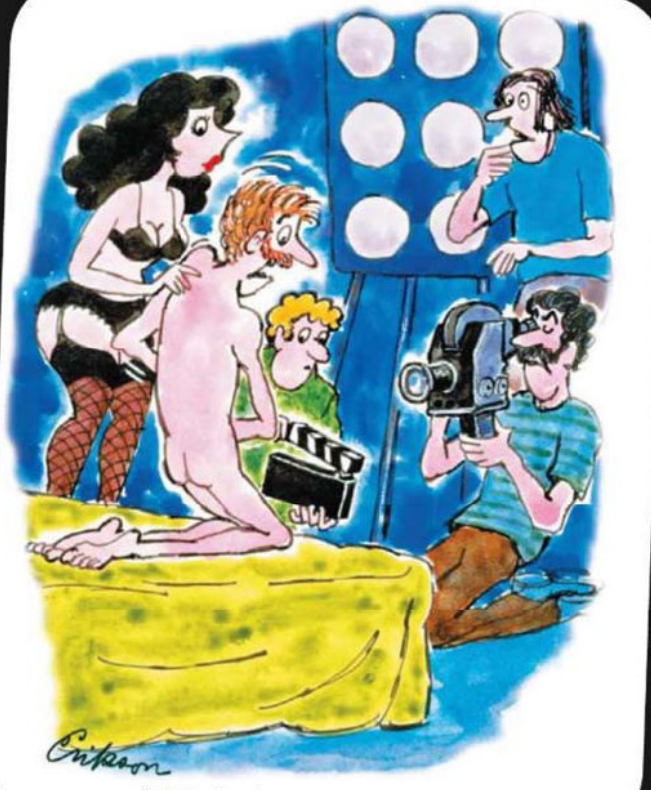
LUZES, CÂMERA E MUITA AÇÃO! O OLHAR BEM-HUMORADO DE ALDEN ERIKSON SOBRE O FASCINANTE MUNDO DOS FILMES DE SACANAGEM



"Ufa! Tipo, acho melhor não ficar esperando aqueles trens lotados do metrô hoje à noite."

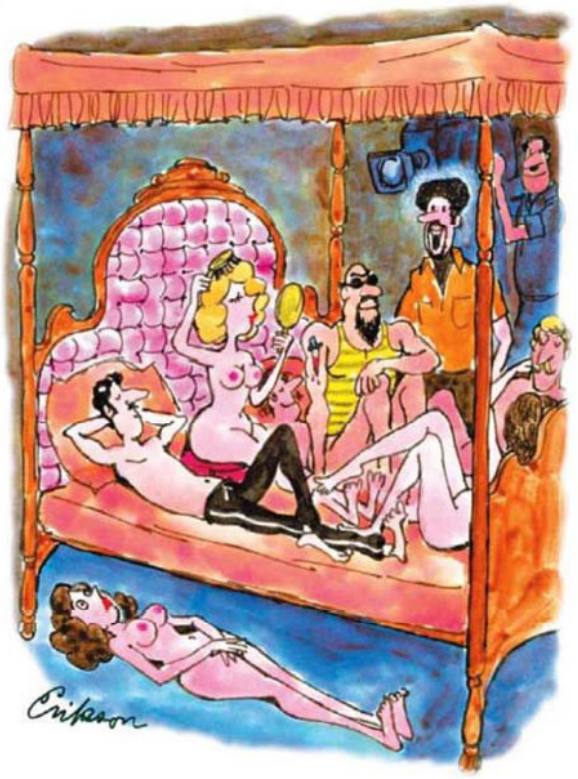


"Agora, pra esta cena, quero que a Marcie, a roteirista... Onde está Marcie? Ok, Marcie, vamos lá. Saia, eu sei que você está aí no meio!"



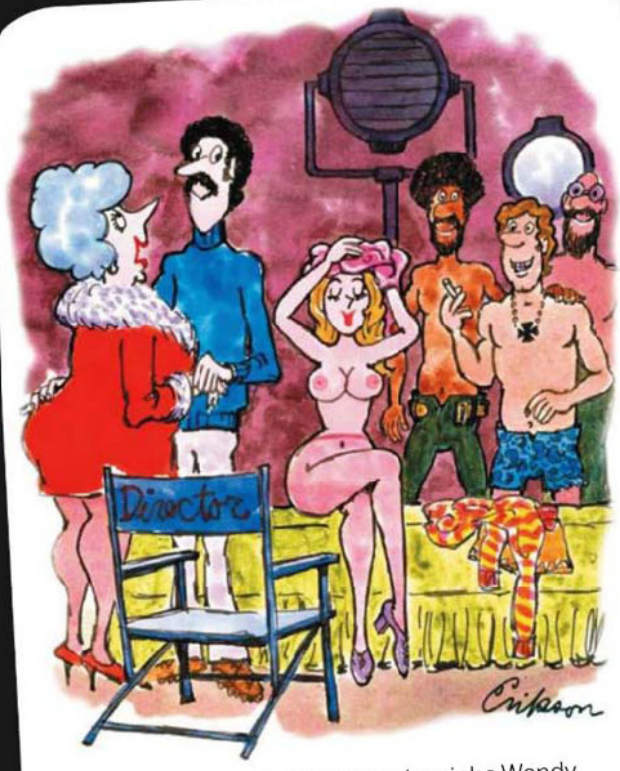
"Ei! Cuidado com esse negócio!"

"Vai ter de ser uma rapidinha, J.J. À 1 e meia você tem de estar em Oakland pra fazer um comercial de detergente."

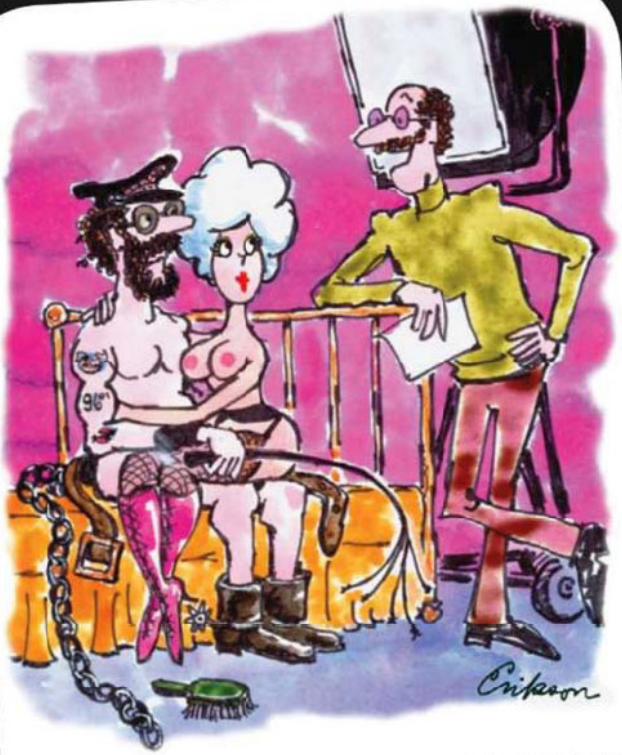


"Senhorita Zimmerman, onde está? Apareça!"

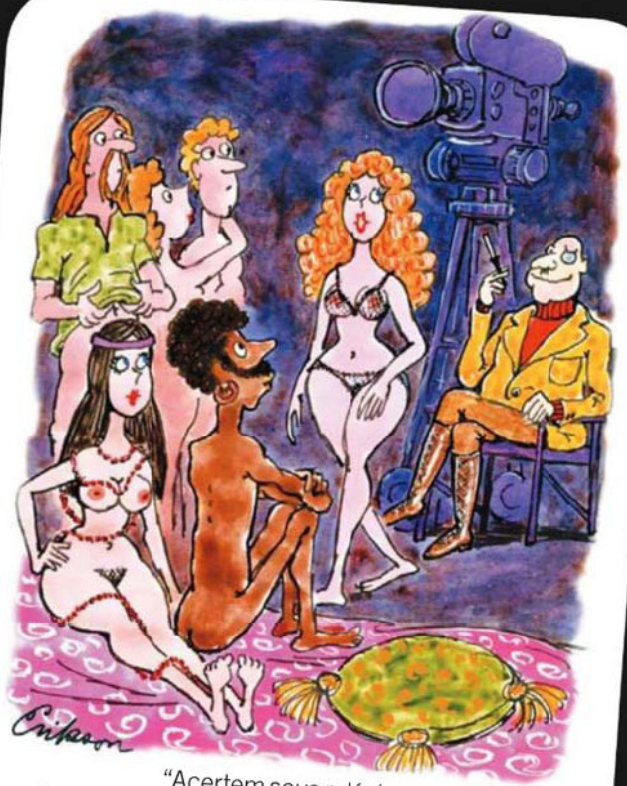
"As garotas estão com tesão... O câmera está com tesão... O assistente está com tesão... Eu estou com tesão! O que é que tá pegando?"



"O senhor vai cuidar bem da minha Wendy, não é, senhor Farnum?"

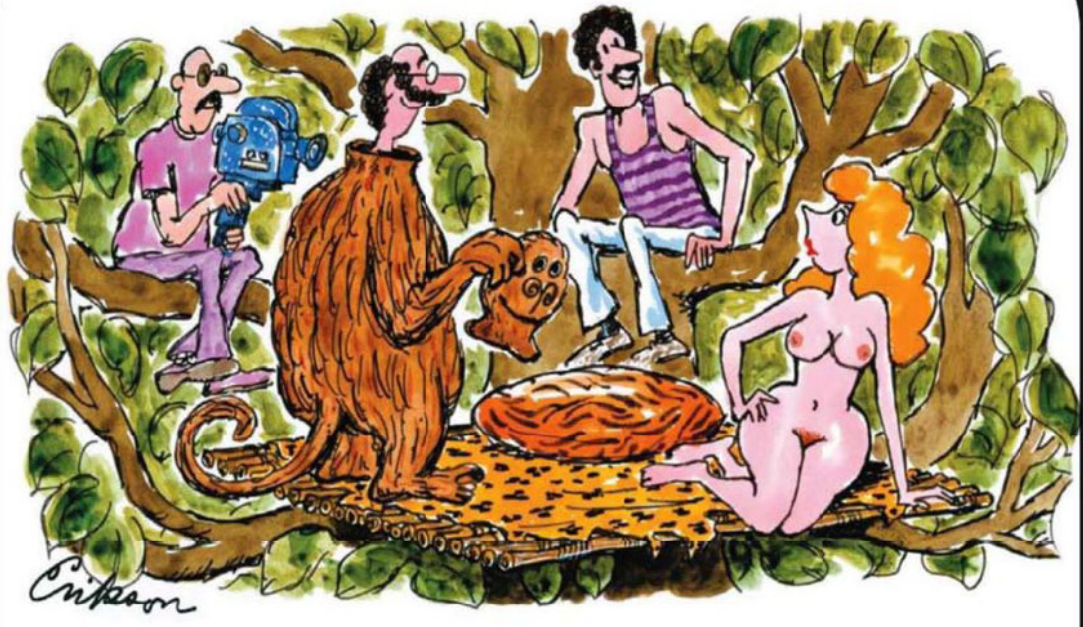


"E então, numa cena final bem maluca – e bota maluca nisso –, vocês se casam e vivem felizes para sempre."



"Acertem seus relógios.
O diretor adora quando os atores gozam juntos."

"Morrer, dormir. Dormir! Talvez sonhar!"

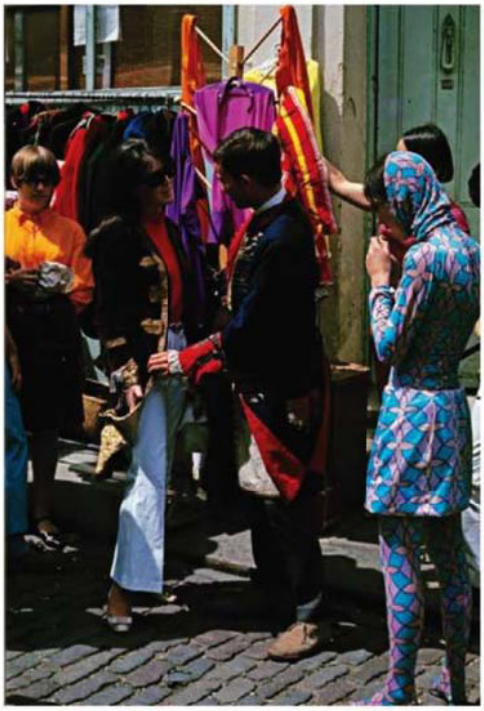


"Veja bem, você não vai transar com um gorila de verdade.
O gorila é o Marvin, o cara dos efeitos especiais."

Swinging London

Se ainda hoje Londres é um destino obrigatório para quem quer ser um cidadão global, em 1966 ela era a cidade mais cool do planeta. A Copa do Mundo foi vencida pelo English Team, sua grande musa Vanessa Redgrave estrelava *Blow-up*, de Antonioni, o mundo amava Beatles e Rolling Stones e o London Playboy Club acabava de ser inaugurado, tornando-se de imediato a referência da noite londrina. Esta reportagem, publicada na PLAYBOY americana na edição de agosto daquele ano, capturou a efervescência da *Swinging London*

TRADUÇÃO E ADAPTAÇÃO
EDGARD REYMANN



A partir do alto, passeio pela feira de Portobello, visita ao Palácio de Buckingham, com sua guarda real, a caminhada pela cidade ao lado de uma "pombinha" e o protesto contra a Guerra do Vietnã: podia-se tudo na Swinging London. Na outra página, agitação numa discoteca repleta, típica da época: a turbulência noturna de uma metrópole emergente

Nestes 200 anos desde que o doutor Samuel Johnson observou que, quando um homem se cansa de Londres, é porque se cansou da vida, essa fantástica metrópole tem reunido cada vez mais evidências que confirmam a percepção do erudito do século 18, que também cunhou a seguinte frase: "O patriotismo é o último refúgio da canalha".

Para um jovem solteiro que quer curtir a vida, Londres oferece o máximo do melhor e o mínimo do pior em tudo que um homem civilizado pode procurar como diversão.

É fácil entender por que a cidade vem sendo fotografada, filmada, televisionada e analisada. Uma onda de expressões tenta defini-la: "ligada", "fabulosa", "engrenada", "súper". Para não fugir à moda, *"swinging London"* é a expressão que melhor define a cidade, num misto de descontraída, leve e liberal. A personalidade de Londres hoje sugere que a esquizofrenia urbana parece ter encontrado um ponto de equilíbrio. Enquanto sua turbulência noturna tem a vibração de uma metrópole incansável, seus parques revelam uma serenidade que merece ser contemplada, deixando ao longe a loucura do trânsito ou as distrações eletrônicas do século 20.

Londres é uma cidade para homens, projetada por homens. Porém, não lhe faltam contrastes. Prédios modernos fazem sombra às construções antigas que sobreviveram ao Grande Incêndio de 1666, a cavalaria montada do palácio real trota a 1 metro de secretárias de minissaia e um carreto com barris de cerveja dirigido por um homem que parece ter saído de um livro de Charles Dickens fica emparelhado com um Aston Martin DB6, do qual salta uma bela loira que, delicadamente, ajusta sua meia-calça antes de encontrar seu namorado num shopping em Knightsbridge.

Ainda que Londres mantenha muito de sua pompa, alguns eventos transformaram as circunstâncias. O conflito de classes diminuiu desde o fim da Segunda Guerra Mundial. Felizmente, a Londres que emergiu dessa lenta mudança de costumes é vibrante, um tanto obscena e repleta de pombinhas – como os ingleses gostam de chamar jovens pertencentes ao "sexo venerável". Em Londres, há mais pombinhas passeando no chão do que nas árvores: criaturas de pernas compridas que sabem remexer os quadris, muito afáveis, não importa se estejam dançando na discoteca ou tomando um drink num bar. Aquela velha frase "Ela não está morta, ela é inglesa", que os homens usavam para debochar das qualidades da companheira de cama, não se aplica mais, se é que algum dia teve sentido.

Paquerar na Londres de hoje não requer animação, mas perseverança e disposição para conhecer suas inúmeras atrações. A região do Mayfair é a mais refinada da cidade. É uma área situada num quadrilátero que compreende a Park Lane, a Oxford Street, a Regent Street e o Piccadilly.

Para um jovem solteiro que quer curtir a vida, Londres oferece o máximo do melhor e o mínimo do pior em tudo que um homem civilizado pode procurar como diversão

Ali estão os melhores hotéis, as melhores lojas, algumas das mais quentes discotecas e o London Playboy Club, do qual falaremos mais adiante.

Depois de saciar a fome e a sede com um bom *yorkshire puddim* e uma de suas excelentes cervejas, se o tempo estiver bom, nada melhor do que um passeio pelas ruas da cidade. Um bairro como o Chelsea, por exemplo, que fica perto de Mayfair, é repleto de garotas de minissaia que parecem ter passado o dia no clube ou então parecem sair de casa apressadas para um casting num estúdio fotográfico.

Esta é a era das garotas inglesas: nunca tantas foram tão bonitas. Quase toda garota que trabalha numa loja, seja de miudezas ou um empório elegante, parece uma combinação de Julie Christie, Vanessa Redgrave, Jean Shrimpton e Susannah York – de forma tão bem arranjada que ao menos uma vez você adoraria provar. Se Londres oferece o melhor de uma grande cidade, suas mulheres traduzem o ideal feminino: dócil mas perspicaz, atrevida mas madura, aparência ingênua mas esperta no fundo e um jeito desinibido no contato com o sexo oposto.

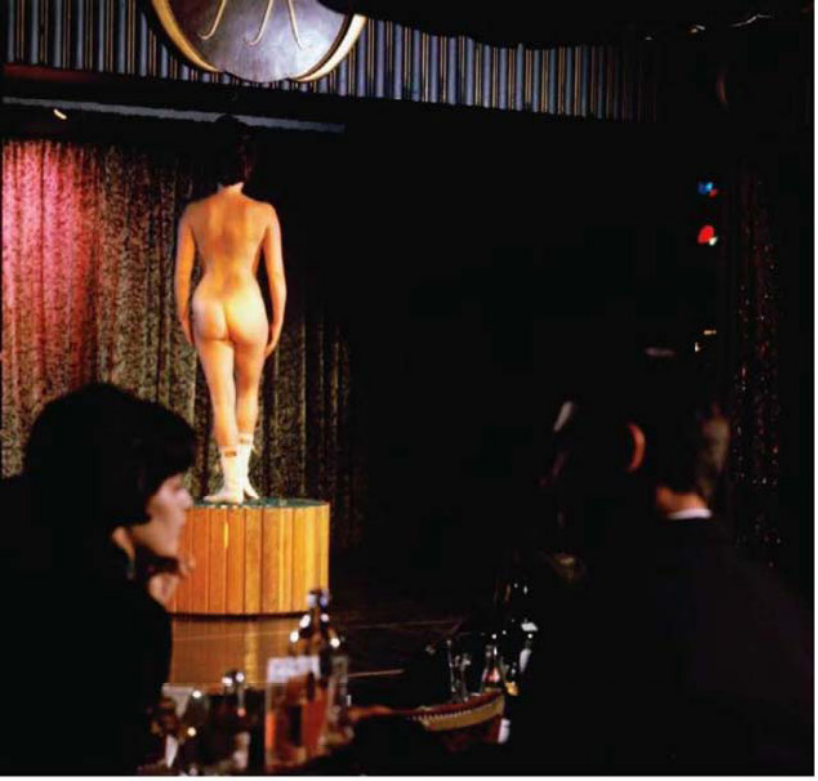
Na hora de beber, poucos pubs servem coquetéis de qualidade. Nesse caso, o melhor é procurar o bar do hotel em que você estiver hospedado. Entretanto, seria insensato desprezar suas deliciosas cervejas. Entre os circuitos das discotecas, dos cabarés, dos cassinos e dos pubs, você certamente terá conhecido o território do amor. Embora seja provável que você gaste algum dinheiro na roleta ou num pub, dificilmente sairá de uma noite dessas sem companhia. E o que é melhor: ao abordar a garota, não é preciso muita bajulação. Ela mesma vai lhe dizer isso. Vá direto ao ponto sem medo de estar sendo grosseiro. Muito provavelmente ela divide um apartamento com amigas. Assim, uma escapada rumo ao seu hotel é bem-vinda.

E, ainda que sua noite de caça não tenha sido boa, ainda há como recurso o Soho e suas boates. Você ouvirá inúmeras línguas por lá. Cafetões convidam para o show de burlesco, enquanto uma jovem deliciosa pode se inclinar até você mostrando um leve sorriso e um generoso decote. Até a promulgação da Lei de Ofensas Públicas, em 1959, a prostituição abundava em Londres, e em especial no Soho. Após a lei, o negócio continuou, mas se adaptou: as garotas, que antes ficavam nas ruas do bairro, agora ficam dentro das casas. Nos murais de bares e tabacarias, os anúncios se tornaram cifrados, mas totalmente captados por um bom entendedor: "Peitão francês, 42, à venda", "Aulas de dança 24 horas", "Consertamos capas de chuva: falar com Molly ou Doris". Num jornal surgiu o seguinte anúncio: "Erecções e demolições", ao lado do telefone de uma moça. A polícia apertou o cerco, e esses anúncios ficaram ainda mais sutis: "Modelo. Segundo andar". Lugares suspeitos anunciam: *"Swedish translation"*. Para bom entendedor...

O burlesco, à moda inglesa, é algo fantástico. Ande pelo Soho e penetre numa das dezenas de casas do gênero, onde pombinhas depenadas põem as tradições de lado numa atmosfera enfeitada de lantejoulas. Se você precisa de uma desculpa, entre para observar a plateia. Diferentemente dos devotos americanos do striptease, ingleses não assobiam enquanto elas dançam, mas fazem gestos de aprovação com a cabeça, batem palmas comedidas depois de cada ato e continuam a jogar palavras cruzadas quando as luzes se acendem. Se você observasse só a plateia, poderia pensar que está numa quadra de Wimbledon.

A Inglaterra é hoje a capital do cinema, pelo menos em qualidade. Portanto, não se surpreenda se deparar com algum diretor do primeiro escalão de Hollywood, como Tony Richardson, Bryan Forbes ou Richard Lester, fazendo uma cena externa em alguma rua.

Não importa para onde você vá, Londres fará você voltar para reviver suas incríveis experiências. Você nunca verá tudo que é necessário simplesmente porque são muitas as atrações. E cada estação do ano lhe apresenta uma cidade diferente – com novas atrações. O humor especial de Londres – em parte metropolitano, em parte hamletiano – se deve à natureza única dessa cidade de 8 milhões de habitantes que se nega a sucumbir ao enfado que às vezes frustra seus cidadãos. Londres é uma cidade tão serena quanto cheia de vida, imensamente sofisticada ainda que francamente sexy, altamente civilizada mas nada opressiva. Quando chega a hora de partir, não há por que lamentar, pois você sabe que voltará. Uma boa rodada em Londres sempre pede uma outra rodada. Saúde!



Casas de striptease (acima) são o programa ideal para esticar a noite depois de toda a farra nas tavernas em que acontecem apresentações de peças em clima pra lá de shakespeareano. Retratos perfeitos da Swinging London

LONDON PLAYBOY CLUB

Projetado pelo lendário arquiteto Walter Gropius e inaugurado em 1966, o clube Playboy era um *palazzo* em plena Mayfair, com bar, restaurante, cassino, suítes de luxo e uma penthouse cinematográfica. Na efervescência da Swinging London, ele foi por muito tempo o lugar para ver e ser visto e tinha, entre suas coelhinhas, a filha de 20 anos de um milionário cervejeiro inglês

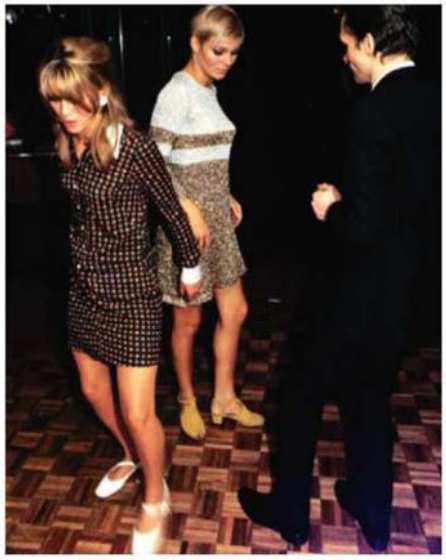
Com seu olhar brilhante, a coelhinha Geri levanta o astral da noite de inauguração do clube londrino. O Playmate Bar ficou repleto de "pombinhas" de vestidos curtíssimos

Um *palazzo* de dez andares em plena Mayfair tornou-se imediatamente, em 1º de julho de 1966, o ponto de referência da noite e a nova meca para os apostadores de todo o mundo. A festa de inauguração, que começou no final da tarde e estendeu-se até a manhã do dia seguinte, deixou os taxistas tão familiarizados com o novo endereço que, algumas horas depois do início, nem era mais preciso o passageiro dizer onde o London Playboy Club ficava. A agitação e o interesse que despertou foram tantos que, dois meses após a abertura, a direção se viu obrigada a interromper temporariamente a admissão de novos sócios até que conseguisse ampliar seu staff para atender a toda a demanda. O clube foi projetado pelo famoso arquiteto alemão Walter Gropius, um dos fundadores do movimento Bauhaus, que se exilou nos Estados Unidos na década de 1930 por causa de sua incompatibilidade com o regime nazista. O prédio possui cinco andares destinados ao clube e cassino, quatro para suítes de luxo e um último destinado apenas à suíte penthouse, que teve como primeiro ocupante o cantor Frank Sinatra. Quem assistiu a *Deliciosas Loucuras de Amor (Morgan!*, de 1966) com certeza reconhecerá o terraço onde uma cena do conturbado casamento de Vanessa Redgrave foi rodada.

A festa de abertura foi prestigiada pela maioria das celebridades do show business de Londres, muitas das quais logo se tornaram habitués. Nove emissoras de TV se amontoaram no lobby, e uma equipe colheu cenas para o documentário *Playboy Comes to London*. O piloto de Fórmula 1 Stirling Moss foi o primeiro a aparecer, o que não chega a surpreender, e foi recebido pela coelhinha Dolly Read. O publisher e presidente do clube, Hugh Hefner, chegou escoltado pela playmate de agosto, Susan Denberg. Os atores Lee Marvin e James Garner chegaram acompanhados do cantor Trini Lopez. A atriz Julie Christie foi a próxima, seguida do ator Rex Harrison e de sua esposa, Rachel Roberts. Então, eis que surge Ursula Andress, acompanhada de ninguém menos que Jean-Paul Belmondo. A lista de celebridades segue com Vanessa Redgrave, a cantora Shirley Bassey, o marquês e a marquesa de Tavistock, lady Annabel Birley, e Roman Polanski, com sua jovem namorada e promissora atriz Sharon Tate. O diretor Michelangelo Antonioni, de *Blow-up – Depois Daquele Beijo*, a princesa Lee Radziwill, a dama do balé Margot Fonteyn e o bailarino Rudolf Nureyev, além do ator David Niven, também marcaram presença.

A certa altura da festa, uma mulher muito atraente e bem-vestida adentrou o living room. A alta e não menos bela coelhinha Liz sussurrou no ouvido de seu acompanhante: "Esta não é Olga Dettering, a herdeira dos campos de petróleo?". Olga ouviu, virou-se para ela e emendou: "Esta não seria Elizabeth *[Liz]*, filha de sir Fordham Flower?". Acertou. Liz era a

Frank Sinatra canta e se encanta com as coelhinhas antes de estrear a suíte Penthouse. Woody Allen (abaixo) improvisa em seu stand-up: apresentação fora do script



A partir da esquerda, convidados se divertem na pista de dança enquanto Ursula Andress esbanja sua beleza no restaurante. Coelhinhas devidamente trajadas, como a loirinha Sylvia (acima), tiravam pedidos e a atenção dos homens; no caso, o crítico da PLAYBOY Kenneth Tynam

filha de 20 anos do milionário cervejeiro e chefe do Memorial Theatre de Stratford-on-Avon. Prova incontestável de que o crème de la crème da sociedade marcava presença entre os convidados e o staff. Enquanto isso, na área vip, o cantor e pianista Bobbie Short era abordado por um americano que dizia tê-lo visto num clube de Manhattan cinco anos antes. "Eu sou dono daquilo", disse Bobbie, "e adoraria ser o dono daqui." No salão de jogos, as luzes baixaram e o Morgan James Duo começou a tocar. Woody Allen, vestindo um terno de veludo azul, surpreendeu o público ao subir no palco logo depois. Allen, brincando, pediu: "Por favor, não aplaudam. Isso me faz perder o ritmo, e, além disso, não estou acostumado com plateia tão grande".

A festa continuou com mais uma aparição não planejada, agora de Trini Lopez. Ao fim, alguns convidados foram para o Penthouse Casino e outros, para a Discothèque. Os que gostavam de jogar ficaram mais tempo, e por volta das 4 e meia da madrugada ainda se ouviam as últimas apostas. Não dá para dizer que todas as noites serão iguais à da abertura, mas, se levarmos em consideração os clientes, os jet-setters, os londrinos, assim como os grandes nomes do showbiz que prestigiaram a festa, pode-se dizer que o London Playboy Club é perfeito para aqueles que gostam de ir a um lugar para ver e ser vistos.

50 anos de Playboy Club

O LONDON PLAYBOY CLUB foi um dos endereços mais charmosos de Mayfair entre 1966 e 1991, e ser aceito como sócio era francamente um símbolo de status. Muitas foram as celebridades que frequentaram suas dependências, de artistas a empresários e até nobres, não faltando inclusive um dos mais célebres personagens londrinos: Bond, James Bond, como atesta o filme *Os Diamantes São Eternos (Diamonds Are Forever,* 1971). O primeiro Playboy Club foi aberto em 1960, em Chicago, e existe até hoje, razão pela qual o Grupo Playboy pretende celebrar mundialmente seu cinquentenário. O clube revolucionou o conceito de diversão noturna e se estendeu para outras cidades dos Estados Unidos e de outros países, como Londres e Manila, nas Filipinas, e para a Jamaica. O clube chegou a ter 40 sedes em três continentes. Para a celebração do cinquentenário, estão previstas festas em Chicago, Mônaco, México e Venezuela.

A vizinha bonita da casa ao lado que se transforma de repente numa deusa: isso é Kate Moss

O EFEITO KATE MOSS

POR QUE A BAD GIRL DO MUNDO DA MODA É TÃO FASCINANTE? POR UM SIMPLES MOTIVO: UMA VEZ QUE VOCÊ A CONTEMPLA, NÃO CONSEGUE MAIS DESVIAR OS OLHOS DELA

POR **WILL SELF**

Há cerca de dois ou três anos – confiem em mim, já não me lembro mais –, eu estava em um dos cavernosos salões de mármore na mansão londrina do negociante de arte Jay Jopling quando uma jovem se aproximou de mim. "Você é o amigo da Marianne, não é?", ela perguntou. Assim como minha memória me engana em relação aos anos, também me prega peças com nomes, rostos e amizades – é a tirania desse déspota, o Tempo, que vem exilando, de forma selvagem, todos os neurônios rebeldes na Sibéria do meu cérebro.

Seja como for, olhei para o rosto da moça, tentando recordar que diabo de Marianne seria aquela, quando me dei conta de que a menina era uma coisinha linda: uma garota mignon, envolta em um vestido longo de seda azul (era uma festa formal), cachos dourados emoldurando uma testa resoluta, nariz fino, quase arrebitado.

"Humm, sim", ganhei tempo. "Acho que sou. E você é..."

A expressão daquele rosto bonito mudou ligeiramente, a incredulidade combateu um começo de indignação e, enquanto eu observava o delicioso jogo das emoções, percebi que aquela não era apenas mais uma jovem atraente. Era muito atraente. "Eu sou Kate", ela disse. Ao ouvir as vogais nitidamente nasaladas dos subúrbios de Londres, comecei a ter os primeiros indícios de uma identificação positiva.

"Kate, ok", eu respondi. "Kate?"

Fiquei surpreso ao descobrir que não só eu a estava olhando diretamente, como tinha sido arrebatado por ela: não era simplesmente um rostinho bonito, era possivelmente o rosto mais maravilhoso que eu já tivera o privilégio de contemplar. E era uma coisa estranha, porque não havia nada de particularmente notável naquele rosto se o dividíssemos em suas partes constitutivas. Era mais como se a vizinha bonita da casa ao lado repentinamente se transformasse numa deusa – e eu, petrificado como Acteão ao compreender que havia observado a deusa Diana se banhando nua no lago, ouvi a frase fatal.

"Moss. Eu sou Kate Moss."

Eu não valorizaria tanto esse episódio, mas parece haver algo afortunado em minha dificuldade para reconhecer a mais famosa supermodelo da Inglaterra e, provavelmente, a maior contribuição desse país ao estoque de beleza feminina mundial ali, diante de mim, em carne e osso. O fato não sugere apenas uma amnésia cultural de minha parte, um isolamento empedernido perante a tempestade de imagens da nossa era de reprodução eletrônica, mas também uma forte determinação – ainda que inconsciente – de encarar cada mulher que eu encontre de forma nova, livre de toda a bagagem entediante das glamourosas bolsas Balenciaga, das Louis Vuitton

FOTO: MICHEL HADDI/ICON INTERNATIONAL

recobertas com o famoso logotipo, das pastas xadrez da Burberry cheias de dinheiro.

Além disso, essa não seria a última vez que eu falharia em reconhecer a senhorita Moss – mas, tudo bem, vamos por partes. Por ora, registremos o fato de que eu fui um dos primeiros admiradores de Moss. No início dos anos 1990, comecei a ouvir uma estilista amiga minha comentar sobre uma jovem modelo de Croydon que iria provocar uma verdadeira tempestade no mundo da moda (a propósito, lançada por uma agência de modelos chamada Storm). Éramos todos desesperadamente debochados na época, e mesmo assim a expressão "heroína chique" – que já estava sendo aplicada ao visual de Moss – nos chamava a atenção como algo claramente exagerado.

Para o leitor estrangeiro, dois conceitos têm de ser explicados aqui. Em primeiro lugar, Croydon não é tanto uma cidade-satélite de Londres quanto um estado de espírito. Pensem em um subúrbio e elevem todas as sugestões de chatice à centésima potência. A ideia de Moss como a mais maravilhosa vizinha do mundo recebe uma base ainda mais sólida a partir de sua origem entre aquelas fileiras cerradas de casas chapiscadas e de tijolos avermelhados, filha de uma garçonete e de um agente de viagens. Quanto a "heroína chique", foi uma expressão tirada de uma campanha informativa do governo inglês sobre a aids: fotos de uma série de desgraçados cheios de feridas engajados em atividades transmissoras do vírus sob o slogan "Não morra de ignorância".

Alegou-se na época que as crianças, que achavam aquelas fotos legais, estavam pendurando os pôsteres nas paredes de seus quartos. Mas eu tenho lá minhas dúvidas. O que está fora de qualquer discussão é que essa ideia de heroína chique entrou na campanha que Moss fez para a Calvin Klein alguns anos depois. Olhando novamente para aquelas imagens em preto, branco e bege da modelo no fim da adolescência, com suas calcinhas minúsculas, fico espantado com sua aparência saudável – já que, nos anos seguintes, nos tornamos totalmente blasé em relação a modelos ninfetas e magérrimas.

ATÉ 2005, QUANDO MOSS FOI CAPA DO *DAILY MIRROR* CHEIRANDO COCAÍNA, ELA ERA UMA ESPÉCIE DE J.D. SALINGER DO BEAUTIFUL PEOPLE

Não quero me embrenhar no book de Moss porque a verdade é que só notei uma ou duas de suas campanhas. Uma foi aquela para a L'Oréal em que ela jogava o cabelo, mas não porque eu seja fã do xampu; é que a frase "Eu declaro guerra às pontas duplas" me lembrava insistentemente – a mim e a qualquer dos meus filhos com quem eu estivesse vendo TV – o preâmbulo das nossas lutinhas de brincadeira: "Eu declaro guerra a você!". Mesmo "vestida para matar" no anúncio da L'Oréal, Moss ainda parecia o tipo de garota que não se importaria com uma guerrinha de brincadeira, um cafuné e um copo de leite antes de dormir. Nada no estilo Lolita – Moss tem a cara de sua idade, uma certa aparência sadia que, contra todas as evidências, ela consegue projetar sem esforço. Aparência essa, aliás, ainda bizarramente intacta no anúncio do perfume Parisiènne, feito neste ano para Yves Saint Laurent, que mostra pétalas de rosa clitoridianas flutuando sobre seu bustiê de couro, enquanto a nossa Katie se toca em uma limusine, tirando onda por Paris ao som do Depeche Mode. Eu não comprei nenhum dos 2 bilhões de revistas cujas capas o carão de Kate Moss enfeitou – nem você que me lê neste instante, imagino eu, e é claro que não somos nós que formamos o mercado consumidor dos vidrinhos de perfume, potinhos de maquiagem ou trapos chiques que a tenham contratado para vendê-los nesta semana. Mas, em termos globais, orbitando como um espelho por sobre a raça humana, Moss reflete para nossas esposas, namoradas, filhas e até mesmo mães o sonho de ser excessivamente bonita do modo que só ela consegue ser: acima do comum, para cunhar uma expressão.

Até 2005, quando fotografias de Moss cheirando cocaína foram sapecadas na capa do *Daily Mirror*, ela tinha uma imagem pessoal impressionante, era como uma espécie de J.D. Salinger do beautiful people: nunca havia dado uma entrevista, e suas declarações públicas eram ou afirmações sentenciosas dignas de algum sábio das passarelas ou bobagens engraçadinhas daquelas que sempre esperamos de uma cabeça-oca. Dependia de como preferíssemos encarar. Tudo is-

FOTOS: REPRODUÇÃO

Orbitando como um espelho sobre a raça humana, Moss estampou a capa das mais famosas revistas, que venderam 2 bilhões de exemplares. Na página oposta, Moss se torna alvo dos tabloides sensacionalistas ao se deixar fotografar cheirando cocaína. Escândalo de alcance mundial

so alimentou o desejo do artista Marc Quinn de criar uma estátua dourada de La Mossissima, intitulada simplesmente de *Sereia*. Quinn já havia feito uma estátua de Moss de bronze. Conseguiu esculpir sua cabeça, mas a modelo – talvez sabiamente – ofereceu as pernas e os braços de outras garotas no lugar dos seus e se recusou a ser retratada sem o minúsculo top e a calcinha. *Sereia* tem a expressão apropriadamente imperturbável de Moss, as pernas dobradas por trás da cabeça dourada, as pudendas como adendos no pedestal, as pupilas daqueles olhos impagáveis polidas como dois espelhos.

Foi uma época incrível para artistas ingleses e suas obras alucinadamente caras. Damien Hirst exibiu *Pelo Amor de Deus*, um crânio de platina incrustado de diamantes que alcançou preço de 50 milhões de libras. Eu já havia segurado o crânio em um cofre-forte em Hatton Garden, bairro joalheiro de Londres, e, alguns meses depois, cheguei a levantar o esbelto bezerro de ouro em forma de Kate Moss, que estava guardado em outro cofre a mais ou menos 1 quilômetro dali, em Goldsmiths' Hall, a sede da associação dos ourives, uma das muitas descendentes das guildas medievais de Londres.

Com cerca de 50 quilos, a estátua oca de ouro 18 quilates (a maior já feita desde a Antiguidade) tinha, coincidentemente, o mesmo peso de Kate Moss. Na condição de um homem que a ergueu até seu pedestal, posso atestar que ela é um corpo duro e frio que se abre na costura central. Quinn e eu estávamos em Goldsmiths' Hall para conversar sobre a *Sereia* para um texto que eu estava escrevendo para o catálogo, e a ironia não nos passou despercebida – aquela peça, que custou 1,5 milhão de libras para ser feita, estava se valorizando rapidamente porque a liquidez só fazia desaparecer do vizinho bairro financeiro.

Mas a sereia de Quinn não atraiu todos aqueles homens de negócios para os rochedos mais do que o suposto uso de cocaína por Kate Moss manchou a imagem do consumo desenfreado, que levou à grande ressaca depois da euforia. Quem estiver buscando um modelo (ha-ha-ha) de recuperação pós-crise econômica precisa apenas olhar para Moss, cujo comentário de quatro linhas sobre as revelações do *Daily Mirror* foi – dado seu costumeiro silêncio de esfinge – o equivalente ao mea culpa choroso de qualquer outra estrela no programa da Oprah. Com uma saída bem calculada para uma clínica de recuperação e uma atitude mais low profile por um ou dois meses, ela logo estava de volta, maximizando seus contratos antes dos desfiles de prêt-à-porter do ano seguinte.

Sem querer dar uma de conhecedor do assunto, o comportamento que levou Moss à sua pequena via-

Kate exibe seu sorriso inconfundível numa festa da Calvin Klein: a beleza de uma Dorian Gray dos tempos atuais

gem pelos tabloides em 2005 já era bem notório entre as pessoas do meio, e, assim que ela começou a sair com o ex-vocalista dos Libertines Pete Doherty, parecia uma questão de tempo até que tropeçasse e caísse. Doherty era uma espécie de garoto-propaganda do desleixo e da heroína e parecia determinado a morrer de ignorância. Paparazzi o seguiam por toda parte, e as farras sensuais e promíscuas de Moss e de seu grupo – apelidado de "turma de Primrose Hill", ligando-os ao bairro endinheirado do norte de Londres onde viviam a maior parte do tempo – haviam se tornado a leitura matinal básica da nação.

Durante todo o escândalo, Moss permaneceu estranhamente radiante, como se exibisse seu alter-ego dourado ou fosse algum Dorian Gray moderno. Assim, quando eu digo que a estátua se abre na costura central, estou falando sério. Há obviamente uma Kate Moss astuta, em grande medida arquiteta de sua própria imagem e de seu próprio destino – e há uma outra Kate, uma mulher que, apesar de um apetite acima da média por todas as coisas da vida que podem ser muito boas até ficarem muito feias, continua a despertar lealdades ferozes.

DURANTE TODO O ESCÂNDALO, KATE MOSS PERMANECEU ESTRANHAMENTE RADIANTE, COMO SE EXIBISSE SEU ALTER-EGO DOURADO OU FOSSE ALGUM DORIAN GRAY MODERNO

E podem anotar: não é apenas a lealdade de seus amigos íntimos – a lei do silêncio vai mais longe e inclui uma porção generosa do grand monde boêmio londrino, o que me traz convenientemente ao segundo Grande Momento Em Que Não Reconheci Kate Moss. Há alguns meses, um amigo me pediu que fizesse uma participação num show de talentos de celebridades em nome de uma causa beneficente e, assim sendo, dei as caras no Café de Paris para fazer um número de minha criação – que envolvia minha própria pessoa, uma bicicleta pequena, daquelas de fazer manobras, e três beldades em trajes mínimos.

Nos bastidores, eu vi uma loura de traços bonitos. Achei que era uma das beldades atribuídas a mim pelo organizador e a cumprimentei apropriadamente: "E aí, belezinha?".

"Belezinha?", Moss replicou, pois é claro que a garota era ela. "Belezinha o cacete!"

Durante a noite, sob os olhares de centenas de pessoas, Moss agiu com, digamos, um exuberante desprezo pelas convenções. Não vou entrar em detalhes, mas, ainda que ela claramente fizesse parte de um compenetrado júri, desaparecia várias vezes sob a mesa. Ninguém achou adequado censurá-la, e não sou eu que vou fazer isso. Pelo que alguns conhecidos me dizem, ela é uma alma adorável que ama preparar para os amigos versões de um café da manhã inglês completo depois de botar para quebrar a noite toda. Parece coerente que a maior modelo da Inglaterra faça um café da manhã também modelo. Essa refeição normalmente tão robusta consiste em diversos ovos, tiras de bacon, salsichas, feijão e pão frito, mas, nas mãos de Moss, ela se torna uma porção mais singela: um ovo pequeno, um único pedacinho de bacon e metade de uma torrada seca.

Talvez a última palavra sobre Moss pertença à minha mulher, ela própria uma grande fã da beleza feminina – sem as desvantagens que afetam os consumidores crédulos desse produto. Na mesma festa em que falhei pela primeira vez em reconhecer Moss, minha mulher teve uma longa conversa com ela. Estavam se dando tão bem que Moss perguntou a ela se não poderia anotar seu telefone.

"Que é isso?...", minha mulher respondeu, modestamente. "Nós duas sabemos muito bem que você não vai ligar nunca, mas, se quiser, posso anotar o seu."

Quando minha mulher me contou isso depois, perguntei ansiosamente: "E aí, você pegou? Pegou o telefone dela?".

"Bom", ela começou, filosoficamente. "Eu bem que queria, e até cheguei a pegar o celular na bolsa para digitar o número, mas simplesmente não consegui tirar os olhos do rosto dela para olhar o teclado."

Acreditem, Kate Moss é bonita a esse ponto.

WILL SELF Escritor, crítico e colunista literário, é autor de livros como *Cock and Bull*, *Minha Ideia de Diversão*, *Como Vivem os Mortos* e *Os Grandes Símios*, entre outros.

FOTO: STEVE EICHNER/LATIN STOCK

ILUSTRAÇÃO: EDUARDO BELGA

A MULATA QUE PEGOU O SUPER-HOMEM

Quer saber como foi a estreia de Nelson Motta como escritor de ficção? Foi aqui na PLAYBOY, há 34 anos, com este conto de seu primeiro livro. Vale a pena ler de novo!

ILUSTRAÇÃO **RENATO GUEDES**

O funcionário da Alfândega do Galeão, suando, acabou de despachar mais um turista americano. Se não fosse extraordinariamente forte, o turista em nada seria diferente dos habituais. Seu passaporte estava em ordem e dizia que seu portador se chamava Clark Kent e era jornalista.

Desde o momento em que entrou no táxi até descer no Hotel Castro Alves, na Praça Serzedelo Correa, passaram-se 2 horas. O trânsito não estava ruim, apenas o itinerário poderia ter sido um pouco mais simples, evitando o Alto da Boa Vista. No final das contas, custou-lhe 90 dólares, que pagou sem reclamar, enquanto o motorista enxugava o pescoço com uma flanela e assobiava uma canção de Odair José.

Já em seu apartamento, Clark olhava o movimento na Avenida Copacabana e estava absolutamente certo de não ter sido reconhecido em sua identidade secreta. Desligou a sua superaudição; estava de férias e o barulho da feira era ensurdecedor.

Como ninguém no hotel demonstrasse tê-lo reconhecido, Clark tomou um banho e saiu para dar uma volta. Deteve-se com especial atenção nas bancas de jornais e constatou com inquietação que, nas quatro que examinou, a sua revista não estava à venda. Mas Batman, Fantasma e outros colegas estavam lá, fortes e sorridentes nas capas de suas revistas.

Como quem não quer nada, puxou conversa com o rapaz nordestino que trabalhava na recepção do hotel. Ficou sabendo, com desapontamento, que a sua revista não saía mais no Brasil já há três anos, porque "nem criança se interessa pelo Super-Homem", segundo pôde entender do dialeto anglo-cearense falado pelo rapaz.

Agradeceu, subiu para o apartamento e entregou-se a uma superdepressão, chocado. Pensou em ligar para o Consulado e protestar (...afinal, o Super-Homem era um grande herói americano... era um símbolo...). Desistiu. Pediu uma garrafa de gim, encheu a cara e roncou pesado na poltrona.

HULK
BATMAN

Por indicações meio confusas organizou seu programa noturno e acabou indo parar num inferninho da Prado Júnior. Depois de assistir ao show erótico, iniciou a caçada, prontamente coroada com êxito: um pouco gordinha para o seu gosto, mas simpática, bem morena (ah... as histórias que contavam sobre o sangue que ferve no corpo das mulheres de South America...).

Quando Luzinete disse que se chamava Shirley, ele ficou contente: uma namorada sua no tempo de universidade também se chamava Shirley! (..."Mundo pequeno, né?", comentou...) Não, ela não era profissional. Era, como ele, uma solitária... Estava com alguns problemas porque tinha que mandar a filhinha morar com a avó, em Campos, e os dólares que ele ofereceu generosamente sem qualquer outra intenção ela não aceitou. Precisava, sim, de palavras amigas, de carinho, o que ele estava dando.

Apartamento dela. Prado Júnior. Conjugado. Televisão enorme, bichos de pelúcia ("São meus filhos", ela apresentou), algumas fotos de artistas pela parede, desconhecidos para Clark, mas que ela explicou, *"television... novel"*.

Shirley estranhou um pouco quando ele pediu para ir ao banheiro e demorou apenas alguns segundos, voltando completamente nu. Ela não conhecia a supervelocidade que, apesar da nova malha colante que ele havia mandado fazer antes de viajar, transformou o Super-Homem num americano nu em questão de segundos.

A malha azul, com a insígnia amarela e vermelha, ficou embolada junto com as roupas de Clark num canto do banheiro. Quando ela gritou "Devagar, gringo", Clark não entendeu nada e continuou. Com o seu melhor charme. Ela continuava incentivando: *"Good, good"*.

Orgulhoso e superexcitado, prosseguiu e gozou segundos depois de ter começado. A supervelocidade e suas desvantagens, pensou. Barulho na porta. Ela se encolhe. Medo na Prado Júnior.

– Meu marido!

O mulato forte entrou de arma na mão, ameaçador. Clark, constrangido, nu, gaguejando em inglês e espanhol.

O mulato de arma apontada. A ordem: *"Money!"*

O golpe do suadouro!

Clark não conseguia entender o que eles falavam, mas um som, de tão repetido, ficou gravado em sua supermemória, *"o-tah-ree-o"*.

O mulato, depois de embolsados os dólares, ainda quis tripudiar e começou a cutucá-lo com a ponta do revólver, abrindo a calça e apontando com o dedo numa indicação inequívoca... A super-raiva!

Deu-lhe uma superporrada, jogando o mulato contra a parede, que rachou misturando pó de tijolo com sangue, miolos e gritos de horror da mulher. Vestiu-se em segundos, varou a porta como se não houvesse nada, e a mulher gritava com a cara enfiada entre os pedaços de madeira. Pega! Assassino! Socorro! Só parou de gritar quando o viu saindo voando pela janela.

Na delegacia, o comissário Rochinha achou totalmente inverossímil a sua explicação, constatou o bafo de bebida e mandou jogá-la no xadrez. Luzinete de Souza foi condenada a oito anos por assassinato (a pauladas) de seu amásio, marginal conhecido como "Fuinha". Motivo ignorado, provavelmente ciúme.

NELSON MOTTA é jornalista, escritor e compositor. Na PLAYBOY, tudo começou com este conto, *A Mulata que Pegou o Super-Homem*, de seu primeiro livro, publicado originalmente em maio de 1976. Trinta anos e quatro meses mais tarde, um trecho de *Vale Tudo*, sua biografia de Tim Maia, apareceu primeiro aqui. Ou seja, Nelson Motta é parte da nossa história.

ILUSTRAÇÃO: EDUARDO BELGA

FLÁVIA ALESSANDRA
FOTOS J.R. DURAN

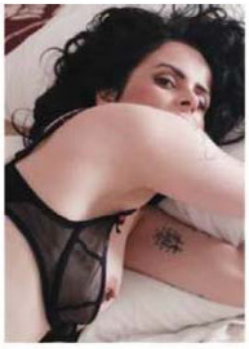
BÁRBARA BORGES
FOTOS ANDRÉ PASSOS

JUJU DO *PÂNICO*
FOTOS AUTUMN SONNICHSEN

PRISCILA
FOTOS VALÉRIO TRABANCO

JULIANA ALVES
FOTOS LUIS CRISPINO

MULHER MELANCIA
FOTOS MARCIO SCAVONE



FERNANDA YOUNG
FOTOS BOB WOLFENSON

RENATA SANTOS
FOTOS J.R. DURAN

ELAS SÃO NOSSAS!

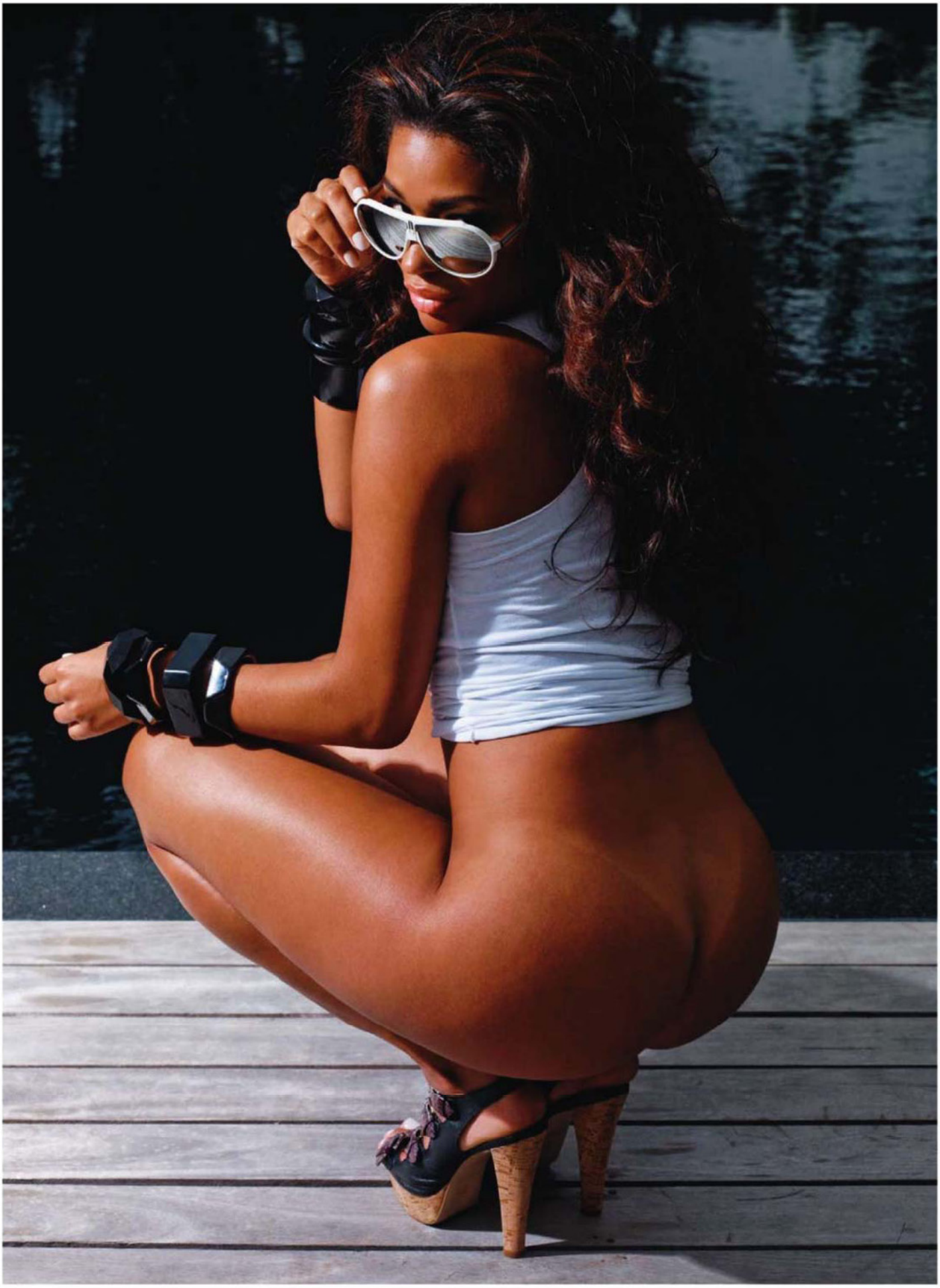
De Bárbara a Priscila, de Flávia a Juliana, uma seleção das mulheres que iluminaram as capas da PLAYBOY nos últimos meses. Porque sempre é hora de matar a saudade...

FLÁVIA ALESSANDRA

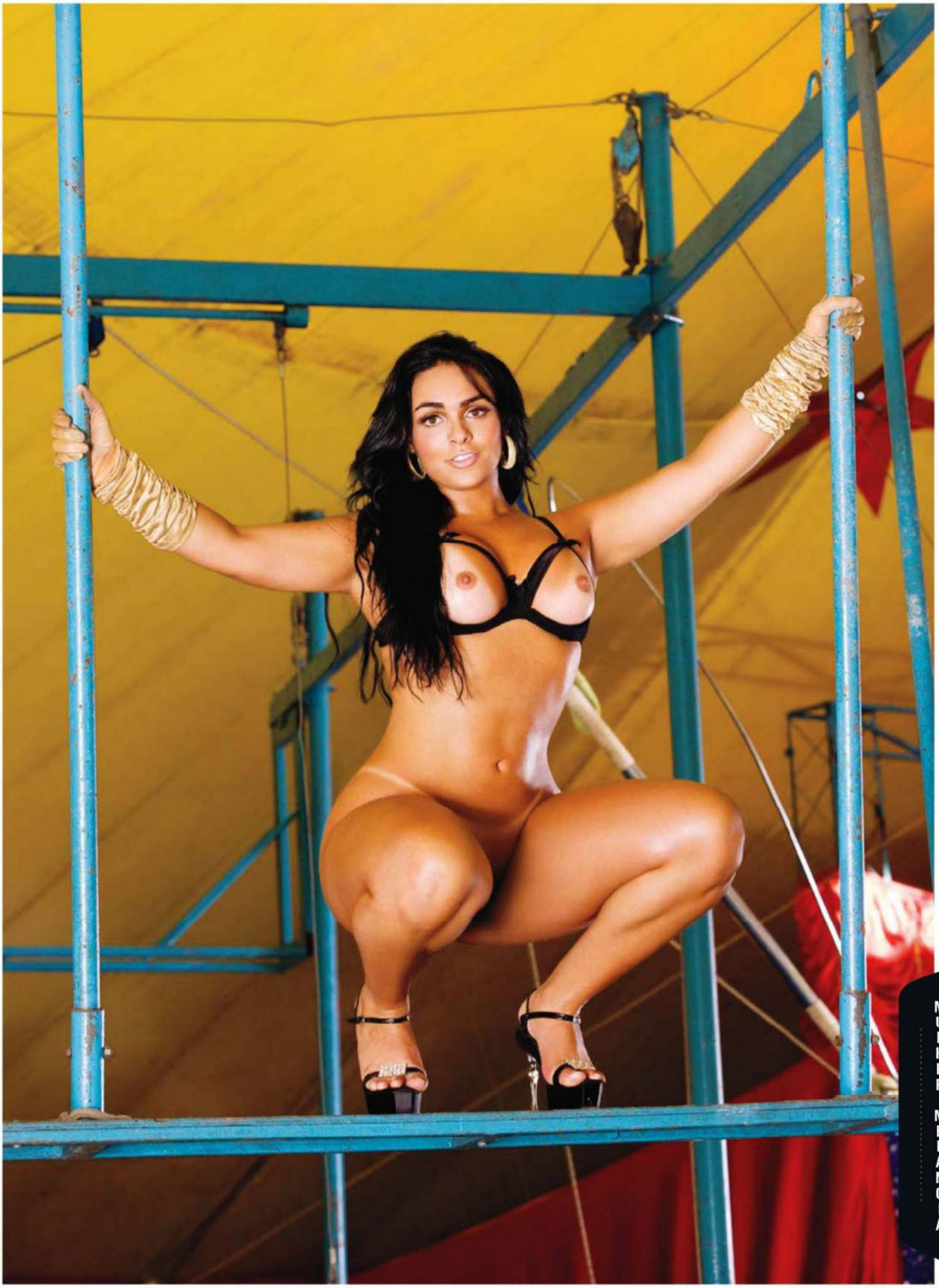
BÁRBARA BORGES

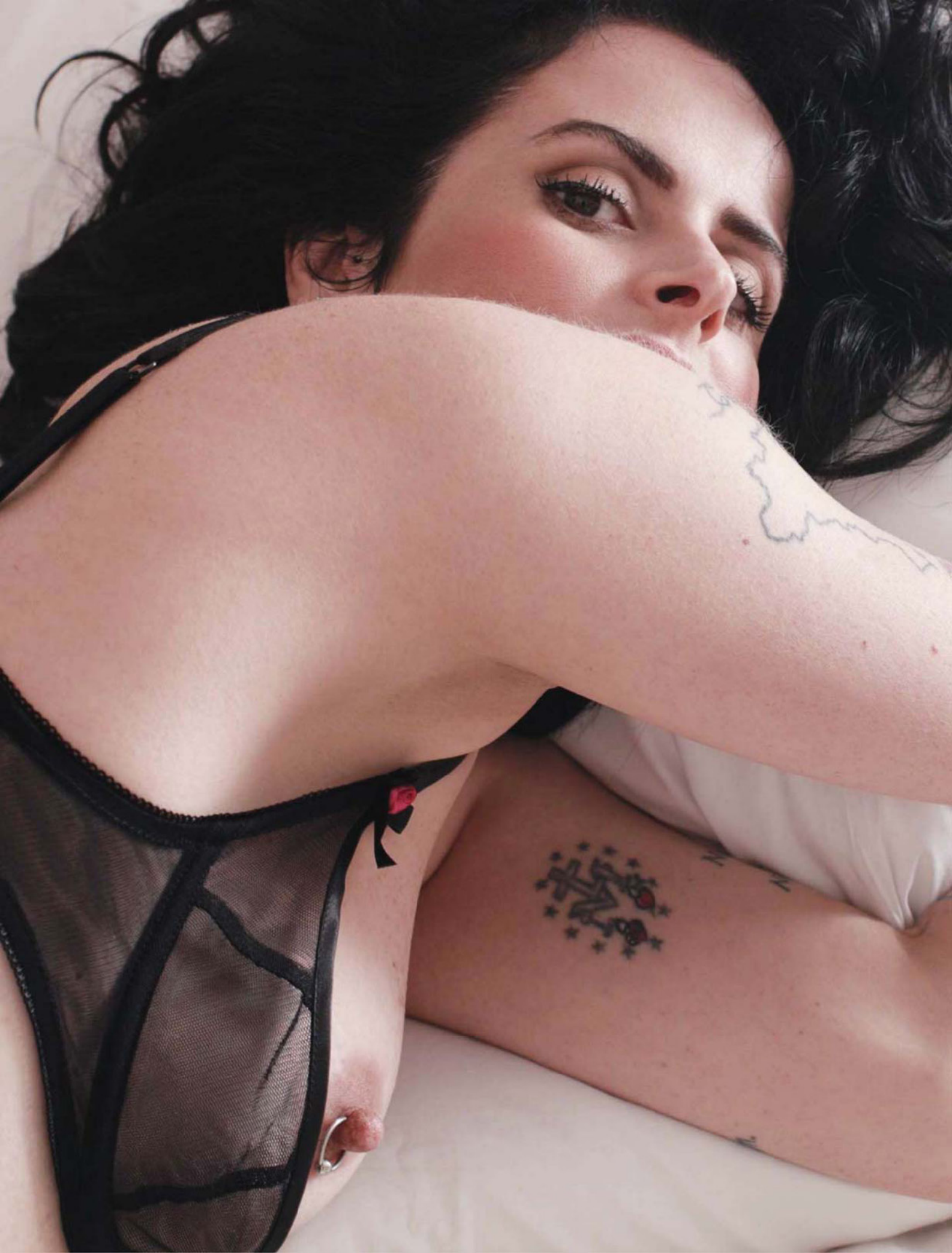
JUJU DO PÂNICO

PRISCILA



JULIANA ALVES





FERNANDA YOUNG

RENATA SANTOS

"Eu adoro explorar casas mal-assombradas! Esta é aquela do fantasminha camarada?"

Fique sócio de um clube que é a sua cara.

A partir de agora, cada assinante Abril vai ter um clube.
Isso mesmo. É que acaba de ser lançado o Clube do Assinante Abril – um espaço único, 100% virtual. Você vai navegar em páginas exclusivas, com comentários, conteúdos e prêmios de acordo com o gosto de cada um.
Acesse **www.clubedoassinanteabril.com.br** e fique sócio de um clube personalizado.

CLUBE DO ASSINANTE Abril

O clube que conhece e reconhece você.

Se você já é assinante, basta se cadastrar no **www.clubedoassinanteabril.com.br** e conferir o clube que tem a sua cara.

A PROVA DE QUE VOCÊ LÊ **PLAYBOY** PELO CONTEÚDO. E QUE CONTEÚDO!

PLAYBOY
CLÁSSICOS
EM TIRAGEM LIMITADA

Leve para sua casa as deusas que marcaram a história da revista: Alessandra Negrini, Bárbara Borges, Flávia Alessandra, Grazi Massafera, Juliana Paes, Sabrina Sato, Vera Fischer e muitas outras!

MAIS DE **100 FOTOS!**

As entrevistas de PLAYBOY são marca registrada da revista desde 1962. A qualidade editorial é buscada sempre pelas longas horas de conversa e pela cuidadosa edição do texto, que preserva as declarações mais reveladoras do entrevistado, sem preocupação com o tamanho do resultado final. Ayrton Senna, Boni, Caetano Veloso, Chico Buarque, Fernando Collor, Fernando Henrique Cardoso, Gilberto Gil, Henfil, Lobão, Luiz Inácio Lula da Silva, Maitê Proença, Nelson Rodrigues, Paulo Coelho, Pelé, Tim Maia, Tom Jobim e outros estão nesse precioso trabalho.

O humor inteligente sempre fez parte da PLAYBOY. Esta antologia traz, além dos clássicos quadrinhos do Mineirinho e Analista de Bagé, cartuns e textos de Ziraldo, Ivan Lessa, Luis Fernando Veríssimo, Jules Feiffer, Harvey Kurtzman e mais dezenas de grandes nomes do humor brasileiro e americano juntos pela primeira vez.

NAS BANCAS E TAMBÉM NA lojaabril.com